

dma

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

da mihi animas

Ano LX Mensal
n. 5/6 maio/junho

Poste Italiane SpA
Spedizione in Abbonamento
Postale
D.L. 353/2003
(conv. in L. 27/02/2004 n° 46
art. 1, comma 2 – DCB Roma



RECIPROCIDADE E PARTILHA

dma

Revista das Filhas de Maria Auxiliadora
Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma
tel. 06/87.274.1 • fax 06/87.13.23.06
e-mail: dmariv2@cgfma.org

Diretora responsável

Mariagrazia Curti

Redação

Giuseppina Teruggi

Anna Rita Cristaino

Colaboradoras

Tonny Aldana • Julia Arciniegas

Patrizia Bertagnini • Mara Borsi

Carla Castellino • Piera Cavaglià

Maria Antonia Chinello

Emilia Di Massimo • Dora Eylenstein

Maria Pia Giudici • Palma Lionetti

Anna Mariani • Adriana Nepi

Maria Perentaler • Loli Ruiz Perez

Debbie Ponsaran

Maria Rossi • Bernadette Sangma

Martha Séide

Tradutoras

francês • Anne Marie Baud

japonês • inspetoria japonesa

inglês • Louise Passero

polonês • Janina Stankiewicz

português • Maria Aparecida Nunes

espanhol • Amparo Contreras Alvarez

alemão • inspetorias austríaca e alemã

EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL

Instituto Internacional Maria Auxiliadora

Via Ateneo Salesiano 81, 00139 Roma

c.c.p. 47272000

Reg. Trib. Di Roma n. 13125 de 16-1-1970

Sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c,

lei 662/96 Filial de Roma

n. 5/6 maio-junho de 2014

Tip. Instituto Salesiano Pio XI

Via Umbertide 11 00181 Roma

USPI

ASSOCIADA

UNIÃO IMPRENSA PERIÓDICA ITALIANA

Edição em Português

SUMÁRIO

04	<i>Editorial</i>	<i>Comunicação, cultura do encontro</i> Giuseppina Teruggi
05	<i>Dossiê</i>	<i>Palavras e gestos de reciprocidade e de partilha</i>
Primeiro plano		
09	<i>Espiritualidade Missionária</i>	<i>Vejam como eles... se amam</i>
11	<i>Alma e direito</i>	<i>Coerência e insucesso!</i>
12	<i>Cultura ecológica</i>	<i>Interdependência e reciprocidade</i>
14	<i>Fio de Ariadne</i>	<i>A corresponsabilidade</i>
Em busca		
17	<i>EJS- Culturas</i>	<i>Ser testemunhas do Deus da vida</i>
19	<i>Pastoralmente</i>	<i>Jovens, fé e Igreja</i>
20	<i>Um olhar sobre o mundo</i>	<i>Um caminho diferente</i>
Comunicar		
23	<i>Faz-se para dizer</i>	<i>Experimentar</i>
25	<i>Mulheres no contexto</i>	<i>Mulheres que sulcam com o Evangelho</i>
26	<i>Vídeo</i>	<i>A máfia mata só no verão</i>
28	<i>Livro</i>	<i>Eu te contarei todas as histórias que puder</i>
29	<i>Música e teatro</i>	<i>A formação da personalidade no teatro pedagógico</i>
31	<i>Camilla</i>	<i>Olho por olho</i>



Comunicação, cultura do encontro

Giuseppina Teruggi

Desde que Paulo VI, em 1º de maio de 1967, expediu a primeira Mensagem sobre “Os meios de Comunicação Social”, foram celebradas muitas Jornadas Mundiais CS, até chegar à atual, no domingo que precede a festa de Pentecostes. Das Mensagens, tomamos uma seção transversal de conhecimento do pensamento da Igreja sobre a comunicação, uma base respeitável para análises posteriores.

O tema de 2014 parece ser um reflexo da vida do Papa Francisco, que apresenta a *comunicação como o serviço de uma autêntica cultura do encontro*. A temática nos toca de perto nesta fase de preparação ao CG XXIII, que faz da relação o fundamento na construção de uma *casa que evangeliza*.

«A comunicação é uma conquista mais humana que tecnológica», observa o Papa. «Gosto de definir este poder da comunicação como ‘proximidade’. Como se manifesta a ‘proximidade’ no uso dos meios de comunicação e no novo ambiente criado pelas tecnologias digitais? Encontro uma resposta na parábola do Bom Samaritano que, também, é uma parábola do comunicador.

Quem comunica, faz-se próximo».

O Papa observa que os *meios de comunicação Social – a mídia* – têm o poder de fazer-nos sentir mais próximos uns dos outros e de fazer-nos colher o sentido de unidade da família humana na solidariedade e no empenho por uma vida mais digna.

A cultura do encontro e a comunicação são intercambiáveis porque “comunicar bem ajuda-nos a ser mais próximos e a nos conhecer melhor, a ser mais unidos. Os muros que nos dividem podem ser superados somente quando estamos prontos a escutar-nos e a aprender uns com os outros”, dispostos não somente a dar, mas também a receber.

O Papa Francisco propõe o ícone dos discípulos de Emaús: nós também somos chamados a inserir-nos no diálogo com outros homens e mulheres de hoje, para partilharmos com eles expectativas, dúvidas, esperanças e oferecer-lhes a Boa Notícia que é Jesus. «O desafio requer profundidade, atenção à vida, sensibilidade espiritual. Dialogar significa estar convencidos de que o outro tem algo de bom a dizer, é abrir espaço ao seu ponto de vista, às suas propostas. Dialogar não significa renunciar às próprias ideias e tradições, mas à pretensão de que somos os únicos e os absolutos».

Enfim, o Papa espera que «a nossa comunicação seja o óleo perfumado para a dor e o vinho bom para a alegria» e que a nossa luminosidade «não provenha de truques ou efeitos especiais, mas de fazer-nos próximo, com amor e ternura, daquele que encontramos ferido ao longo do caminho». Por isso ele nos exorta a não termos medo de nos fazer cidadãos do ambiente digital.

gteruggi@cgfma.org



Palavras e gestos de reciprocidade e de partilha

Gabriella Imperatore

Na cultura contemporânea, fortemente marcada pelo individualismo, nota-se uma profunda necessidade de relações interpessoais, de comunicação autêntica que permita superar o isolamento e estabelecer um confronto construtivo com os outros. Tal necessidade exprime-se não apenas como um ser *com* o outro ou um ser *para* o outro, mas também na consciência crescente de um ser *agradecimento* ao outro. É uma atitude que requer descentrar-se, colocar-se do lado do outro em uma situação de paridade real, e não apenas nominal, que torne possível um confronto verdadeiro no qual se pede não tanto que o outro mude, mas que se torne disponível à mudança. É o princípio da *reciprocidade*: cada um é chamado a dar e a receber, a construir-se na relação da doação recíproca, na partilha e na livre interdependência, por amor.

Relação de reciprocidade

A vocação à reciprocidade e, portanto, à partilha parte do reconhecimento da originária e complementar diversidade, reconhecida como riqueza. É uma das chaves para viver melhor, todos os dias. A falta de reciprocidade nos faz viver mal. Hoje, fala-se com sempre maior frequência de ética da reciprocidade, sobretudo com relação à mulher, mas infelizmente nem sempre é colocada em prática.

O tema da reciprocidade investe a dimensão das relações em todos os níveis, mas não do mesmo modo com todos: relação de reciprocidade entre homem e mulher, entre irmãos, entre colegas, entre leigos e religiosos; define-se também "reciprocidade educativa" a relação entre pais e filhos, entre educadores e crianças, adolescentes e jovens. Nas relações mais cotidianas vive-se mal, às vezes, por falta de reciprocidade: as pessoas são disponíveis, generosas, mas sem reciprocidade.

Vive-se um estado de frustração contínua, de desestima, parecendo depender dos caprichos dos outros, acumulam-se as inseguranças e não se compreende porque os outros não partilham, as pessoas se sentem defraudadas, incompreendidas, e a

qualidade das relações desmorona subtraindo a serenidade e a possibilidade de sensações bonitas, de gratificações, de positivities.

Enzo Bianchi, fundador da comunidade de Bose, afirma em um de seus escritos: «O verdadeiro dom não quer a reciprocidade».

O discurso sobre a reciprocidade não parte certamente de uma ideia contável das relações entre as pessoas (dar e receber), e não pressupõe um monitoramento contínuo dessas contas ideais, mas exige uma pergunta: como é o nosso relacionamento com os outros? o que entendemos por "amor"? Reciprocidade significa por definição *"entregar um bem nas mãos do outro sem receber nada em troca"*.

Há uma palavra de Jesus – não aludida nos Evangelhos, mas lembrada pelo apóstolo Paulo no seu discurso em Mileto mencionado nos Atos dos Apóstolos – que é muito eloquente: *"Há maior alegria em dar do que em receber"*. O ato de doar-se provoca alegria mesmo se o outro permanece indiferente ou, mais ainda, arrogante; todavia é sempre a pessoa que se percebe como esperança de comunhão. No doar-se, que vai além da justiça, faz-se espaço o amor que é inspirado pela superabundância, como declara Bento XVI na encíclica *"Caritas in Veritate"*, e traz consigo o «bom débito do amor». O doar-se (que pode se manifestar como cuidado, como presença, como partilha...) não pede e não está sujeito à esperança da restituição, todavia lança um chamado, suscita uma responsabilidade, inspira e cria um liame. Tornar-se-á reciprocidade? Talvez com o tempo, mas também se não se tornar reciprocidade explícita, a pessoa sabe descobrir no coração do outro e sabe receber do outro, o bem, o verdadeiro e o belo, que guarda no profundo do ser. Assim cresce no outro o "débito do amor" que é constitutivo do homem, porque cada vida humana tem origem a partir de um débito de amor. Nem todos os dias se saberá partilhar com esta abertura e liberdade de coração, mas é importante que não esmoreça a convicção de que a reciprocidade se constrói a partir de cada pessoa, é uma meta, é um objetivo, mesmo a longo prazo.

Dom Bosco e Madre Domingas: uma relação de Fundadores, na reciprocidade

Desde os inícios, a relação de reciprocidade caracterizou a relação entre Dom Bosco e as primeiras Filhas de Maria Auxiliadora, em Mornese. A relação entre Dom Bosco e Madre Mazzarello foi original porque não era orientada apenas à direção espiritual, mas, era orientada pela e para a missão educativa.

A relação de reciprocidade entre os nossos Fundadores era marcada pela gratuidade, partilha e comunhão. Nos anos 1862-1869 percebe-se, por parte de Dom Bosco, a intuição do valor da pessoa, do significado espiritual e do valor moral do grupo, enquanto por parte de Maria Domingas evidencia-se a significativa intuição da humanidade e da santidade de Dom Bosco, bem como da sua missão educativa. Lê-se na Cronistória: «Dom Bosco chega a Mornese com os seus jovens em 1864 para abrir um colégio aos meninos do lugar. Maria, quando o vê, exclama: “*Dom Bosco é um santo, eu o sinto*”. Dom Bosco visita a pequena oficina das Filhas da Imaculada e fica muito impressionado».

Com o passar dos anos (1869-1876) há uma mudança de “sentido”: de visão, de proposta-aceitação, de partilha, de colaboração pelo surgimento e consolidação de uma nova realidade para a qual convergem os dois “polos” da relação, “correspondendo” não só psicologicamente e espiritualmente, mas também historicamente. Nos anos 1876-1881 chega-se à mais alta e expressiva manifestação de reciprocidade. Não só é convergência de pensamento, visão, metas, ideais, mas de afeto, vontade, dom interior. Esta convergência “cria” o Instituto nascente.

A relação de reciprocidade se desenvolve e se consolida graças à postura expressiva dos dois Fundadores. De fato, Maria Domingas foi para Dom Bosco um verdadeiro “auxílio” precisamente pela sua compreensão e intuição feminina do carisma salesiano, e pelo seu empenho total e absoluto ao levar à realização um desígnio providencial. Portanto, foi substancial sua contribuição na fundação do Instituto.

Dom Bosco, em vez, tinha confiança na capacidade de animação de Maria Mazzarello, designada por ele a dirigir o Instituto. Por isso, recomendava a Dom Cagliero, diretor espiritual da comunidade, de deixá-la traduzir ao feminino o espírito salesiano.

Reconhecia assim a contribuição enriquecedora de uma modalidade diferente toda feminina na animação e gestão da obra educativa do nascente Instituto.

«Como o Pai me amou, assim também eu vos ameii», com o mesmo amor infinito, imutável, total, incondicional. (cf Jo 14, 15-16). É a atenção concreta à pessoa: «Que os jovens sintam que são amados» recomendava por Dom Bosco.

Cada um sabia “que era amado” com “amor de predileção”, feito não de particularidades, carências, privilégios, mas de um sorriso, de acolhida sincera, de partilha, de escuta, de perdão.

E em Mornese, como era a vida? O clima de Mornese é testemunhado pelas primeiras Irmãs que, junto com Madre Mazzarello, viviam o estilo de proximidade, de “familiaridade”, de reciprocidade-partilha, atitudes que explicitavam uma das principais instâncias preventivas da educação salesiana.

Maria Domingas foi “discípula” de Dom Bosco pela inteligente docilidade com que intuiu, compreendeu, acolheu e levou à realização a inspiração primeira do Fundador, na qual estava presente, em germe, o ser inteiro do Instituto e o dinamismo da sua expansão ao longo da história. Então, foi “autêntica discípula”: em um discipulado livre e total, como risco e audácia de uma presença e uma missão que se prolongaram no espaço e no tempo.

Dom Bosco, por sua vez, foi inspirador, colaborador e guia de Maria Domenica e do nascente Instituto por meio de sua presença discreta, inteligente e prudente; valendo-se das mediações, aplicando o Sistema Preventivo como critério de discernimento.

Em conclusão, o estilo de reciprocidade vivido pelos nossos Fundadores permanece um exemplo a ser imitado, um paradigma relacional com o qual confrontar-se e no qual inspirar-se.

Do relacionamento deles pode-se compreender como cada pessoa, partindo da vocação que lhe é própria, é chamada a integrar-se em harmonia com o/a outro/a. Isto também é confirmado pela nossa estrutura antropológica (a dimensão *uni-duale* do ser humano), pela reflexão teológica (somos criados à imagem do Deus Trindade, comunhão de pessoas que se amam em reciprocidade), pelo Sistema Preventivo como espiritualidade e método educativo. De fato, o “espírito de família” que deve permear os ambientes salesianos, para realizar-se requer a integração de diversas figuras de referência, sobretudo de educadores/educadoras que, em reciprocidade relacional saibam recriar o clima da família natural. O Documento “Em preparação ao CG XXIII”, sublinha: «A comunidade educativa configura-se como “lugar de encontro e de reciprocidade, onde se educa e se é educado, com atenção ao cotidiano para colher os sinais da presença de Deus”.

Os jovens não chegam a Deus, ao encontro com Jesus, quando apenas falamos d’Ele, mas quando podem tocá-lo, fazer esta experiência em uma comunidade que vive e testemunha, quando lhes oferecemos as condições para que se tornem, também eles, agentes de transformação e de evangelização no seu ambiente.

A convivência de mais gerações no ambiente provoca e enriquece a vida e o diálogo intergeracional e é expressão de um clima de família onde todos têm

voz e cada qual dá a sua contribuição específica à harmonia comunitária».

A reciprocidade na Igreja e a evangelização hoje!

Para a Igreja, a opção preferencial pelos pobres não é uma possibilidade entre muitas, mas um elemento obrigatório de sua forma e um lugar de emergência específico de reciprocidade. Tal escolha eclesial encontra o seu fundamento na correspondência ao estilo de vida de Deus, mencionado com breves, mas efficacíssimos trechos pelo Papa Francisco na Mensagem para a Quaresma de 2014.

«Deus não se revela por meio do poder e da riqueza do mundo, mas por meio da fraqueza e da pobreza: *“De rico que era, Ele se fez pobre por nós”*. Cristo o Filho eterno de Deus, igual em poder e glória ao Pai, fez-se pobre; desceu em meio a nós, fez-se próximo de cada um de nós; despojou-se, “esvaziou-se” para tornar-se, em tudo, semelhante a nós (cfr Fl 2, 7); Heb 4,15). A encarnação de Deus é um grande mistério! Mas, a razão de tudo isso é o amor divino, um amor que é graça, generosidade, desejo de proximidade, e que não hesita em doar-se e sacrificar-se pelas criaturas amadas. A caridade, o amor consiste em compartilhar em tudo a sorte do amado. O amor torna semelhantes, cria igualdade, derruba os muros e diminui as distâncias. E Deus fez isto conosco. De fato, Jesus “trabalhou com mãos humanas, pensou com inteligência humana, agiu com vontade humana, amou com coração humano. Nascendo da Virgem Maria, fez-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado”».

Estas afirmações sustentam a confirmação da opção preferencial pelos pobres que “permanece para todos” e constitui um ponto de não-retorno na consciência eclesial que se quer formada pelo Evangelho. A comunidade cristã guarda na memória a dedicação incondicional de Deus que dá vida plena a todos os seus filhos e tem compaixão, sobretudo dos mais necessitados, porque o Seu dom atravessa as disparidades mais radicais. Por isso, ela se deixa interpelar e converter, no seu modo de fazer e de dizer, pela revelação do Abbá-Deus em Jesus e encontra no seu diálogo com o Espírito a criatividade necessária para restituir o dom, vivendo a reciprocidade no zelo e na proximidade com todos, sobretudo os que ainda hoje sofrem muitos tipos de pobreza: de sentido, de relacionamento positivo, de esperança.

A atitude de reciprocidade nasce da consciência de que todo homem é pobre, radicalmente necessitado de misericórdia, marcado pelo desejo de uma realização que o ultrapassa e que pode receber apenas em oferta; de um modo ou de outro cada qual é portador de um sinal visível da própria pobreza, das feridas deixadas por suas falências que, por graça, podem ser

perdoadas. Na lógica da reciprocidade, não basta fazer para os pobres; antes, como sublinha o Papa Francisco, trata-se de viver em amizade com eles. Uma comunidade cristã capaz de reciprocidade, capaz de ser um “ambiente comunicativo de fé”, abre-se constantemente aos novos membros, às novas exigências e desafios, antes de tudo, a partir dos pobres.

Na Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco escreve: «Para a Igreja, a opção pelos pobres é uma categoria teológica antes que cultural, sociológica, política e filosófica. Deus concede a eles “a sua primeira misericórdia”. Esta opção – ensinava Bento XVI – “está implícita na fé cristológica em que Deus se fez pobre por nós, para enriquecer-nos mediante a sua pobreza”. Por isso desejo uma Igreja pobre para os pobres. Eles têm muito a nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, com os próprios sofrimentos conhecem o Cristo sofredor. É preciso que todos se deixem evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas existências e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles, a emprestar a eles a nossa voz em suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus quer comunicar-nos por meio deles».

Quando a comunidade cristã coloca no centro os pobres, na gratuidade do amor, compartilhando fraternidade, liberdade e cuidado, implementa-se uma reciprocidade pela qual o bem doado volta para a pessoa, naquela misteriosa troca que muitos já puderam experimentar com a surpresa de *“haver recebido mais do que havia doado”*. Quando se faz a experiência da verdadeira partilha com os pobres, a reciprocidade se realiza de uma forma surpreendente e o liame com o pobre torna-se uma graça providencial para a pessoa e para a comunidade: o bem doado é misteriosamente restituído como uma “bênção”, retornando ao doador como força e vida recebida do pobre.

O que impele o crente é o amor que veio de Deus, que movimenta a liberdade para a compaixão por cada ser humano, sobretudo quando for um indigente: “um morreu por todos” e todos, sem exclusão de nenhum, são chamados a se tornar criaturas novas em Cristo (cfr. 2Cor 5, 1) em uma vida boa e feliz, todos juntos. A Igreja anuncia a Boa Nova com as palavras e as obras, para que ninguém se sinta excluído do zelo incondicional de Deus.

Com os pobres – como com os inimigos – o amor é facilmente despojado das gratificações que uma reciprocidade paritária possa oferecer, e pede para ativar, sobretudo o registro da gratuidade. Todavia, misteriosamente, na relação com os pobres a

reciprocidade se realiza de modo inaudito; uma graça de bênção brota do liame com eles.

No Angelus de 27 de janeiro de 2014, o Papa Francisco declarou: «Os pobres são os mestres privilegiados do nosso conhecimento de Deus; a sua fragilidade e a sua simplicidade desmascaram os nossos egoísmos, as nossas falsas seguranças, as nossas pretensões de autossuficiência e nos guiam à experiência da aproximação e ternura de Deus, a

receber em nossa vida o seu amor, a sua misericórdia de Pai que, com discrição e paciente confiança, zela por nós, por todos nós.

Que as comunidades cristãs sejam verdadeiramente lugares de acolhida, de reciprocidade e de partilha! A Igreja deve sair de si mesma. Para onde? Rumo às periferias existenciais, quaisquer que sejam, mas deve sair! “Ide pelo mundo todo! Ide! Ensinai! Dai testemunho do Evangelho!”» (Mc 16, 15).

gimperatore@cgfma.org.br

Reciprocidade e partilha num mundo plural

A “Cooperativa Social Nazareth” – com sede em Cremona, uma pequena cidade provinciana, - para promover os valores da coesão social, reciprocidade e solidariedade, parte da escuta de uma necessidade concreta: a presença de menores não acompanhados e a fragilidade da sua situação, que pode ser uma ameaça ou um recurso para a comunidade.

A partir deste dado, que interpela a cidade, decreta em primeiro lugar uma tentativa de compreensão do fenômeno, isto é, “por que, por aqui, tantos menores sem tutores?” e, a partir do que emerge e graças à presença de redes de amizade ou parentais, cria respostas corais e inclusivas aos desafios de hoje.

A ideia é simples, mas ao mesmo tempo poderosa: ativar uma rede de famílias acolhedoras, capaz de dar casa, afeto, educação aos menores estrangeiros não acompanhados, dentre as famílias dos migrantes já na cidade e, também, entre as pessoas que já passaram por este tipo de experiência. Valorizando a capacidade de acolhida, que não é assistencialismo, para produzir valor e vínculo com a energia que emana de duas fontes fundamentais: a reciprocidade e a gratuidade.

A primeira, contrariamente a um senso comum um tanto condescendente, tem muito a ver com a dimensão da hospitalidade: que vem de “*hostis*”, termo latino que significa, tanto ‘estrangeiro’ como

‘inimigo’, ao qual se acrescenta o termo “-*pa*”, que indica ‘assumir o cuidado’. É exatamente o “tomar cuidado” que neutraliza o potencial de ameaça ao ‘estrangeiro’ e o transforma de possível inimigo, em ‘hóspede’. Uma categoria da reciprocidade, que define no seu liame tanto quem hospeda como quem é hospedado, porquanto exatamente esta abertura acolhedora confere a ambas as partes uma nova identidade.

É a experiência do “condomínio solidário”: como dividendo se multiplica, segundo a lógica paradoxal do *superavit*, assim o encontro de fragilidades não é necessariamente uma soma de criticidade em crescendo, mas um modo de reduzi-las e de contê-las. Colocar juntas na mesma casa as mulheres somente com filhos, menores não acompanhados, ex menores não acompanhados, pela precariedade de encontrar recursos, com a coordenação de uma pessoa voluntária sem trabalho, gera-se um contexto habitável e acolhedor, onde se experimenta uma vida digna na reciprocidade e no compartilhamento das próprias fragilidades.

As famílias estrangeiras que acolhem, recebem por este gesto de hospitalidade um novo olhar de gratidão por parte da cidade e das instituições e, ao mesmo tempo, experimentam a própria capacidade de fazer-se ‘útero hospitaleiro’ para outras tantas histórias frágeis, como um tempo foi a sua.

Outra força poderosa é a gratuidade. É difícil compartilhar o que não se recebeu; conhecer e fazer próprio o que não se experimentou. É o caso do jovem senegalês, ex-menor-não-acompanhado e acolhido que, por sua vez, acolhe um menor não acompanhado.

Em um mundo onde tudo se faz mediante o “contrato”, a gratuidade recebida, que se transforma em dom, representa uma força explosiva, um respeito ‘a mais’ do que é devido que coloca em circulação uma nova energia, um *superavit* que mobiliza recursos colocando-os em sinergia. De fato, o circuito da gratuidade não fica confinado ao relacionamento eutu, à obrigação, à retribuição que o dom tão frequentemente corre o risco de produzir, mas é peculiar e vital, precisamente porque a restituição não passa para trás, para quem nos ajudou, mas, para frente a quem pode ter necessidade de nós. A restituição mais bela é aquela que restitui a outros, que coloca, em circulação, recursos novos.

E, sobretudo, testemunha a capacidade humana de partilha e de atender aos outros, reconhecidos como irmãos; é precisamente aquele “*I care*” que Dom Milani havia colocado no centro da sua ação educativa como antídoto ao “*who cares*”!

dma primeiro plano

Aprofundamentos bíblicos,
educativos
e formativos



Espiritualidade Missionária



Vejam como eles... se amam!

Maike Loes



Observando a Primeira Expedição Missionária FMA (Mornese – 1877), contemplamos *uma comunidade partindo* com a única motivação de levar o amor de Deus a uma terra distante, à Patagônia a “terra prometida”, àquela gente que ainda não conhecia Jesus.

Esta comunidade, guiada pela jovem Ir. Angela Vallese tinha, em comum, dois baús que continham toda a sua riqueza: dois quadros de Maria Auxiliadora (um “roubado” da sacristia de Valdocco e bento por Dom Bosco, e outro – digamos – “tomado emprestado” do Colégio de Mornese por Dom Costamagna); além da ansiedade de ir para a América para evangelizar os indígenas: «a alegria de evangelizar»....

«O anúncio nunca é um fato pessoal». O anúncio é fruto de uma comunidade que vive «reunida no nome do Senhor», que reza e trabalha junto, que partilha as alegrias, as esperanças, os sofrimentos... a cotidianidade.

Foi numa comunidade e com uma comunidade que Ir. Angela Vallese escreveu a história do Instituto das FMA, no continente americano. A comunidade de Ir. Angela Vallese, como a comunidade dos primeiros cristãos, realizava sinais e prodígios, suscitava admiração; compartilhava não só o pão, mas também a pobreza, gozava da simpatia dos indígenas, sobretudo das meninas e das mulheres e, a elas se agregavam outras pessoas. Pensemos em Laura Rodriguez, a

primeira fma da América. Laura ingressou no Instituto em Villa Colóm (Uruguai), uma casa muito pobre, mas impregnada do amor de Deus que transparecia do olhar doce e firme de Ir. Angela Vallese, sua diretora. Era o dia 14 de maio de 1878. «No dia seguinte, com aquela postulante, sinal tangível da fecunda bênção de Deus sobre o Instituto, a pequena comunidade podia começar com um fervor renovado a novena de Nossa Senhora Auxiliadora.

Também na América o ‘monumento vivo’ estava prestes a colocar o seu fundamento estável.

Naturalmente, o postulado de Laura foi todo feito à luz dos ensinamentos de Madre Vallese e de suas jovens Irmãs: poucas palavras e sólidos testemunhos. Laura aprendeu a procurar em tudo, somente a vontade de Deus, a amá-lo no fervor do sacrifício, no anseio insaciável de levar ao seu Coração de Pai muitas crianças: aprendeu a fazer do trabalho uma oração incessante, a abandonar-se com confiança em Maria Auxiliadora, que é a Mãe terna e a Educadora sábia, do Instituto».

E que dizer das quatro crianças órfãs, das tribos *onas*, trazidas por Monsenhor Fagnano depois de uma viagem à Terra do Fogo e entregues aos cuidados de Ir. Angela Vallese e comunidade? As crianças haviam ficado sozinhas após momentos de terror e confusão: homens brancos, tiroteios, sangue, morte, fuga... Entre elas, a pequena Luisa Peña, cuja vida se acalma e se

transforma em contato com Ir. Angela Vallese, a única capaz de compreendê-la mesmo sem dizer uma palavra.

Basta o olhar, a paciência materna, a proteção segura, a presença vigilante que acalma, infunde coragem e a confiança.

Ir. Angela Vallese, mulher de comunhão, de comunidade

Salesianos e FMA chegam à Patagônia em 20 de janeiro de 1880. É o cotidiano vivido na humildade e no serviço que revela a grandeza de Ir. Angela Vallese, uma mulher consagrada que fez da comunidade «não uma morada estável, mas uma base de lançamento», para espalhar por toda a Patagônia o “fogo” do Amor de Deus.

O Pe. Giuseppe Fagnano, havia partido para a América em 1875 e em seguida fora enviado por Dom Bosco ao extremo sul do mundo e, assim que chega a Patágonas, em primeiro lugar unifica as duas paróquias de Carmen e Mercedes de Patágonas, uma defronte à outras, nas duas margens do Rio Negro, e funda um colégio para os meninos das tribos indígenas.

As testemunhas revelam que, com a chegada da comunidade das fma, animada por Ir. Angela Vallese, a missão aprofunda suas raízes no território.

No colégio, as Irmãs instruem as mulheres e as meninas e as preparam para o batismo. O número das alunas aumenta de ano em ano, e obriga a comunidade a transferir-se para uma casa maior.

Atesta *Lino Del Valle*, em um estudo, que “sem as Irmãs... a conversão dos pampas e da Patagônia, nas missões salesianas, teria seguido a mesma sorte das missões precedentes...”.

Dom Costamagna, em uma carta a Dom Bosco datada de 19 de agosto de 1879, diz entre outras coisas: «Nunca pude imaginar que as nossas Irmãs nos pudessem ajudar tanto na ação missionária. Realmente, não se teria feito tanto bem às mulheres e

às meninas sem a colaboração das Irmãs. Às suas aulas de catecismo acorriam, além das crianças, também muitíssimos senhores que se dependuravam nos seus lábios como nos de um pregador.

Enquanto nós sacerdotes ficávamos fechados atendendo nos confessionários, as quatro Irmãs ficavam instruindo, a certa distância dali, e nos mandavam os penitentes tão bem preparados que muitos chegavam a se emocionar e chorar».

A comunidade de Ir. Angela é uma comunidade que trabalha muito e encontra tempo para a oração, para a alegria e também para o silêncio. Todas vivem juntas, simplesmente juntas, sem necessidade de ficar dando ordens. «É o costume do dia-a-dia, o empenho e respeito na observância das regras da obediência e da pobreza: é isto que se vive e se transmite às meninas e às adolescentes que aprendem muitas coisas nos livros e nas aulas, mas, sobretudo da vida vivida ao lado das suas “mães brancas”».

No dia 6 de outubro de 1880, de Carmen de Patágonas, Ir. Angela Vallese escreve a Dom Bosco uma carta em nome de todas deixando transparecer a densidade de vida de uma comunidade em missão, o seu desejo de anunciar o Evangelho e de atingir a meta da santidade. «Antes de abrir esta carta gostaria de pedir à V.S. um favor, ou melhor, dois. Reze por nós de modo especial a Maria Auxiliadora, nossa dulcíssima Mãe, para que, enquanto estamos aqui, nestes lugares distantes aonde viemos para tornar conhecido o nosso celeste Esposo Jesus, permaneçamos fiéis até a morte. Nós quatro queremos realmente tornar-nos santas, e esperamos conseguir, com a intercessão d’Ela em nosso favor.»

Nós todas... a nossa comunidade...!

maike@cgfma.org



Coerência e Insucesso!

Rosária Elefante



No processo de mistificação das palavras, pelas quais somos inevitavelmente envolvidos e das quais muitas vezes também somos responsáveis, um dos conceitos mais vulneráveis é aquele que está ligado à coerência. *Mas, o que é a coerência?*

Quantas vezes acontece ouvir soar declarações absolutas literalmente catapultadas em sua essência no dia seguinte e, com invejável indiferença, nos é ostentada uma acusação de má interpretação do que foi argumentado? Rezar bem e escarafunchar diversamente é a “traição” à qual estamos longe de nos habituar. Mas o que é a coerência? Paradoxalmente hoje quase se tornou difícil delinear o seu significado.

O respeito de uma conduta no seu modo de pensar, ver, agir e interpretar as coisas, não é fácil, sobretudo se não existem critérios de referência, ou de valores.

Ser coerente significa estar sempre alinhado com os princípios morais ou ideológicos que na realidade existem em nossa cabeça, mas deixamos que vivam serenos e tranquilos.

Consequentemente a coerência é aquele respeito por aqueles valores-princípios-ideais que cada um de nós tem, sem, portanto, renegá-los ou traí-los ou simplesmente deixá-los instalar-se em nosso íntimo.

O problema (sempre que ele existe) nasce quando a coerência se torna incoerência e onde esta última é claramente o desaparecimento de todos os enunciados acima expostos. Exatamente agora, então, a coerência se torna coragem. A coragem de levar avante as próprias ideias, de respeitar aqueles valores que um tempo escolhemos em vez de outros. Sobretudo em contextos desconfortáveis, onde é pedido para prestar contas e dar as razões, até a última implicação daquelas ideias e daqueles valores.

É sensacional a batalha dos slogans conduzida nas páginas dos jornais, nos editoriais, nos blogs e em vários comentários. Outra coisa é o campo de batalha da vida.

Disparar uma estrepitosa ideia que atraia elogios de uma plateia, consegue tornar qualquer um magnífico: faz a pessoa se sentir brilhante, competente e extraordinária. Mas apenas aquela ideia que é

defendida mediante a prova dos fatos é digna de nós; e a prova dos fatos nunca será realizada por trás da tela reconfortante de um computador pessoal ou dentro do mais familiar cenáculo para nós. Ela nos obrigará a exprimir o nosso ponto de vista quando menos o esperamos, quando menos o queremos, diante das pessoas menos dispostas a acolhê-lo. Naquele momento ver-se-á até que ponto acreditamos naquela ideia, estamos dispostos a defendê-la e sabemos ser honestos conosco mesmos.

Para viver autenticamente aqueles valores que desposamos não basta dar-lhe voz em tempo propício. É o testemunho de todos os dias, vividos na essência daqueles valores, que se torna verdade no rigor. Não cede a interesses pessoais ou *familísticos*, não pactua com argumentos oportunistas quando finalmente chega o momento no qual nos é pedido de aplicar as nossas convicções.

A capacidade de modelar-se às ideias professadas no arco de uma vida é uma qualidade que cada cidadão livre deveria cultivar antes de tudo no próprio “jardim”, antes mesmo de seguir pretendendo usar aquela mesma rigorosa atitude com os sujeitos que agem na esfera pública e que cada um de nós escolhe investir em sua representação.

A coerência e o respeito aos valores livremente escolhidos, não são uma qualidade inata, que se exaure em um satisfeito traço de caráter. De modo nenhum. A coerência é um exercício cotidiano, obstinado, teimoso, capaz de colocar “em crise”. Subtrair-se a isto significa abdicar em determinar a própria vida, para conformar-se aos valores e às ideias dos outros, em outras palavras “deixar-se viver”.

A coerência requer um rigor ético, que não é fanatismo. Mesmo para quem está sempre pronto ao compromisso, inclinado a suavizar as angulosidades dos outros, pronto a voltar e refazer os próprios passos deveria ao menos uma vez na vida experimentar defender um valor no qual acredita fortemente até as suas últimas consequências, custe o que custar! Até mesmo a derrota o honrará. A história ensinou-nos que perder com honra pode ser mais gratificante que vencer com safadeza.

E então, em uma época de valores em suspenso, e minados na raiz, a exortação e ao mesmo tempo a provocação que sinto na consciência é que todos, ao menos uma vez na vida, tenham a coragem de ser

coerentes até a derrota e sem medo. No momento dos acertos finais saborear-se-á a verdadeira essência da liberdade.

rosaria.elefante@virgilio.it

Cultura Ecológica



Interdependência e reciprocidade

Martha Séide

«A degradação da natureza está estreitamente ligada à cultura que modela a convivência humana, motivo pelo qual quando “a ecologia humana” é respeitada dentro da sociedade, também a ecologia ambiental fica beneficiada». (Bento XVI)

Esta afirmação da encíclica *Caritas in Veritate* bastaria para justificar o nosso título porquanto a ecologia humana e a ecologia ambiental estão estreitamente ligadas por uma relação de interdependência e de reciprocidade. De fato, está se tornando sempre mais evidente que os problemas cruciais do nosso tempo, a escassez da água, a poluição do meio ambiente, o desmatamento, a mudança climática, a segurança alimentar e financeira, não podem ser entendidos separadamente, porquanto são problemas sistêmicos, quer dizer, interligados e interdependentes (cf *C. Dottrina sociale*, C. 8). Trata-se de entender, no seu sentido mais profundo, em que consiste a ecologia humana.

Por uma autêntica ecologia humana

Ao descrever a ecologia humana, o jesuíta G. Cely Galindo propõe três elementos complementares: a reconciliação do homem consigo mesmo (ecologia da mente), a convivência harmônica com os outros seres humanos (ecologia social) e o equilíbrio sustentável com a natureza (ecologia ambiental).

Tal definição permite-nos perceber que a ecologia humana é um termo conglobante e holístico. De fato, se a ecologia implica um sistema de relações e de interações, a manutenção de um adequado equilíbrio do nosso ambiente natural é possível somente quando somos capazes de favorecer uma autêntica ecologia

humana, isto é, quando promovemos relações humanas e interações que respeitem a dignidade das pessoas, o bem comum e a própria natureza.

Respeitar a gramática da criação

Na *Caritas in Veritate* lê-se: «quando cuidamos da criação, somos capazes de reconhecer que Deus cuida de nós por meio da criação». A partir desta lógica de reciprocidade, somos convidados a não ter medo de identificar a “gramática da criação”. Isto implica o conhecimento da ordem interna da criação e o respeito pelo equilíbrio dos ecossistemas reconhecendo a mão criadora de Deus.

Antes, na colaboração e no diálogo, a pessoa é chamada a entender melhor o seu papel de guarda e administrador responsável da criação.

O ambiente natural não é uma matéria da qual dispor a seu bel-prazer, mas «obra admirável do Criador, contendo em si uma gramática que indica a finalidade e os critérios para uma utilização sábia, não instrumental e arbitrária.

Hoje, muitos danos causados ao desenvolvimento provêm exatamente destas concepções distorcidas» (n. 48), como aquelas que reduzem a natureza a um simples dado de fato ou a consideram mais importante do que a pessoa humana.

Aprender os princípios da ecologia

Para cultivar uma autêntica ecologia humana é necessário conhecer e respeitar os princípios ecológicos de base. O físico ecólogo Fritjof Capra, prêmio Nobel de ecologia humana em 2013, propõe o ensinamento dos princípios da ecologia como a tarefa

mais importante da educação no século XXI. Ele descreve cinco princípios:

Interdependência: todos os membros estão interligados em uma imensa e intrincada rede de relações; suas propriedades essenciais e sua própria existência derivam das relações com os outros membros.

Caráter cíclico: sendo sistemas abertos, todos os organismos de um ecossistema produzem detritos, mas o material descartável para uma espécie é alimento para outra espécie, de modo que os detritos são totalmente recicláveis e o ecossistema no seu todo permanece livre de resíduos.

Cooperação: as trocas cíclicas de energia e de recursos em um ecossistema são sustentadas por uma cooperação difusa. A tendência a associar-se, a estabelecer liames, a viver um de acordo com o outro é uma característica dos sistemas vivos.

Flexibilidade: Tendência a reportar o sistema em equilíbrio cada vez que acontece um desvio, devido à mudança das condições ambientais dentro dos limites de tolerância próprios de cada ecossistema.

Diversidade: uma comunidade ecológica heterogênea é uma comunidade elástica, capaz de resistir e adaptar-se às perturbações, pois contém muitas espécies cujas funções ecológicas se sobrepõem e se integram.

Segundo o autor, a impoção das nossas sociedades e da nossa economia atraiçoa esta sabedoria da natureza e cria o desequilíbrio dos ecossistemas.

Para remediar, propõe a aprendizagem desses princípios como o essencial da alfabetização ecológica e caminho para uma sociedade sustentável.

Adotar novos estilos de vida

O magistério eclesiástico de Paulo VI depois de haver dado um lugar de destaque ao tema ecológico, sublinha a urgência de uma nova mentalidade que induza todos a adotar novos estilos de vida, «nos quais a busca do verdadeiro, do belo e do bom e, a comunhão com os outros homens para um crescimento comum, sejam os elementos que determinem as escolhas dos consumos, das economias e dos investimentos».

Tais estilos de vida devem ser inspirados na sobriedade, na partilha e na autolimitação aspirando a uma vida mais sustentável, vale dizer um estilo que não busque tanto o consumo de bens, quanto manter boas relações com o ambiente no seu todo.

É exatamente neste contexto que o Papa Francisco dando continuidade à linha do seu predecessor enfrenta o tema da ecologia ambiental ligando-o ao da ecologia humana alertando contra a “cultura do descartável” e exortando a cultivar a solidariedade *inter e intra geracional*. Trata-se de um particular empenho para educar e educar-nos à responsabilidade ecológica a fim de assegurar um futuro sustentável às novas gerações.

mseide@yahoo.com

CONTRA

LUZ

Educar-nos e educar à responsabilidade ecológica

Refletir sobre as implicações dos princípios ecológicos na vida concreta.

Qual é a contribuição da comunidade educativa a um estilo de vida sustentável? O que deveremos mudar em nossa vida para que as coisas melhorem deveras?



A corresponsabilidade

Giusy Fortuna

A evolução repentina e às vezes contraditória do atual contexto sócio-cultural, suscita desafios educativos que interpelam, com a mesma força e intensidade, tanto a comunidade católica como a leiga, no interno da qual se distribuem numerosas agências educacionais, primeira entre todas a família, e numerosos centros de agregação e socialização que, cotidianamente, assumem o desafio de transmitir às novas gerações os valores e regras.

Diante dos nossos olhos sobressaem realidades e horizontes jamais vistos antes, que impelem os educadores não só a se proporem novos objetivos educacionais, mas também a cogitarem outros questionamentos diferentes. De fato, nós educadores crescemos em um mundo feito de regras, de solidariedade, de famílias frequentemente (mesmo só aparentemente) unidas, de uma sociedade respeitável e/ou politicamente correta, enquanto hoje as novas gerações vivem uma cotidianidade feita de individualismo, de relativismo moral, de famílias muitas vezes não coesas, de uma sociedade que parece assumir sempre mais o manto do irmão mais velho, que controla, perscruta e torna pública aquela fatia de vida privada, em recipientes digitais como o Facebook e o Twitter.

O mundo dos jovens de hoje é caracterizado por uma heterogeneidade, desarmonia, instabilidade afetivo-emotiva que influencia as suas escolhas e pode arrastá-los para experiências prejudiciais à saúde psico-física, porque são contra-valores e amorais.

Neste quadro cultural, nós adultos somos chamados a ser guias e exemplos e, portanto, é nosso dever conhecer até o fundo as realidades dos jovens de hoje mesmo se isto signifique ir além daquilo que para nós é conhecido e seguro. Se nós adultos não nos empenharmos em compreender os jovens, estes terão sempre a sensação de ser um satélite incompreendido que avança na solidão.

Tal projeto educativo pode ser realizado apenas por pessoas profundamente motivadas que se reconhecem na adesão, pessoal e comunitária, àqueles princípios-chave que permeiam a base da relação interpessoal entre educador e educando, como o respeito ao outro,

a escuta ativa, o apoio não invasivo, a ausência de juízo, a acolhida das diferenças.

Mas, a implementação de um projeto educacional desligado de uma sinergia operacional com outros componentes leigos, perde a eficácia.

É necessário pensar em uma ótica de globalização e diversidade na qual cada um, com relação à experiência pessoal de vida, possa tornar-se testemunho para os jovens. Assim como afirmou Bento XVI: *a Igreja cresce pelo testemunho e não pelo proselitismo*.

A possibilidade para as novas gerações de observar a vida com uma pluralidade de pontos de vista, graças à contribuição formativa dos consagrados junto com os leigos, garantiria a possibilidade de captar as várias nuances das escolhas existenciais.

Os leigos por um lado, vivendo um entrelaçamento de relações familiares e sociais frequentemente próximas às dos jovens, podem favorecer a abertura psicológica dos mais jovens em suas fases de transição ou de dificuldades e, por outro lado, cooperando com as comunidades das Filhas de Maria Auxiliadora poderiam potencializar as relações entre a comunidade educativa e as instituições culturais, civis e políticas presentes na região.

A assunção responsável da parte de cada estrutura educativa, religiosa ou leiga, de objetivos educacionais específicos a serem alcançados por meio de métodos compartilhados em uma diversidade de vocações, é o primeiro, real e grande suporte sobre o qual fundar a “revolução educacional” do nosso tempo.

A abertura consciente à corresponsabilidade educativa por parte das comunidades FMA para o mundo leigo, tornar-se-ia testemunho de comunhão fraterna e exemplo de acolhida e colaboração na ótica educacional para os jovens.

Estamos em um mundo sempre mais amplo e diversificado, nesta ótica as comunidades das Filhas de Maria Auxiliadora não podem permanecer iguais, fechando-se nas próprias realidades, mas devem fazer um movimento de abertura para o que é diferente, na ótica do confronto construtivo e do enriquecimento recíproco.

Educação é reciprocidade

A pluralidade de ideias e métodos com a intervenção sinérgica de educadores provenientes de contextos culturais e religiosos diferentes requer, porém, um maior empenho no discernimento e no acompanhamento. Mas é precisamente na possibilidade de estar “em comunhão” com a diversidade das múltiplas comunidades educativas, que aumenta de modo exponencial a força potencial da intervenção sobre os jovens e para os jovens.

João Paulo II, na Exortação apostólica pós-sinodal *Vida Consagrada*, no n. 54, escreve: «Um dos frutos da doutrina da Igreja como comunhão, nestes anos foi a tomada de consciência de que os seus vários componentes podem e devem unir suas forças, em atitude de colaboração e de troca de dons, para participar mais eficazmente da missão eclesial. Isto contribui para dar uma imagem mais articulada e completa da mesma Igreja, além de tornar mais eficaz a resposta aos grandes desafios do nosso tempo, graças ao aporte coral dos diversos dons».

Trata-se da concatenação de relações por meio das quais o educador participa com os jovens na ótica da cooperação e reciprocidade. De fato, não se pode pensar em educar por meio de um braço de ferro ideológico em que o adulto, detentor de uma hipotética sabedoria, distribui deveres de cima para baixo sem dar explicações a milhares, porque são jovens.

«Quem trabalha com os jovens não pode ficar dizendo coisas muito ordenadas e estruturadas como num tratado, porque estas coisas deslizam sobre eles. Faz-se necessária uma nova linguagem, um novo modo de dizer as coisas», declara o Papa Francisco em sua fala com os Superiores Gerais, em janeiro último. Isto exige dos educadores a disponibilidade a um empenho de formação e autoformação permanentes, em relação a uma escolha de valores culturais e de vida, a se tornarem presentes na comunidade educativa.

Os educadores de hoje devem empreender um profundo trabalho sobre si mesmos que os leve a estar conscientes de que o Outro, o educando, é um sujeito de experiências que vive sentimentos e emoções, realiza atos volitivos e cognitivos, assim como o educador. Compreender, então, a partir de si próprios, o que pensa, sente e quer o jovem, é elemento indispensável para alcançar objetivos tangíveis. A compreensão do outro, mesmo sob o pretexto do sofrimento, permite acolher profundamente a concepção de que o humano é uma condição de pluralidade, na qual não existe o homem adulto que

ensina e o jovem que aprende, mas um caminho de reciprocidade em que educador e educando evoluem juntos, em que o adulto não pede que o jovem se transforme sozinho, mas que esteja disponível em primeira pessoa a experimentar a mudança.

A educação é, então, um processo no qual o adulto se coloca, sem renunciar ao próprio papel de educador, em uma simetria acolhedora onde se considera igual em dignidade, onde não está *com* o outro ou *para* o outro, mas graças *ao outro*.

Este canal educativo já fora utilizado por Dom Bosco na metade do século XIX. De fato, ele acolhia os jovens de qualquer condição social, fazendo-os sentir-se compreendidos e respeitados. Não enfrentava este desafio educativo sozinho, mas procurava o aporte diferenciado das pessoas, também das que estavam mais afastadas da Igreja. Isto porque todos aqueles que vivem responsabilmente são chamados à educação das novas gerações, uma educação feita de relações, uma “coisa do coração”.

O Líder na Coordenação para a Comunhão

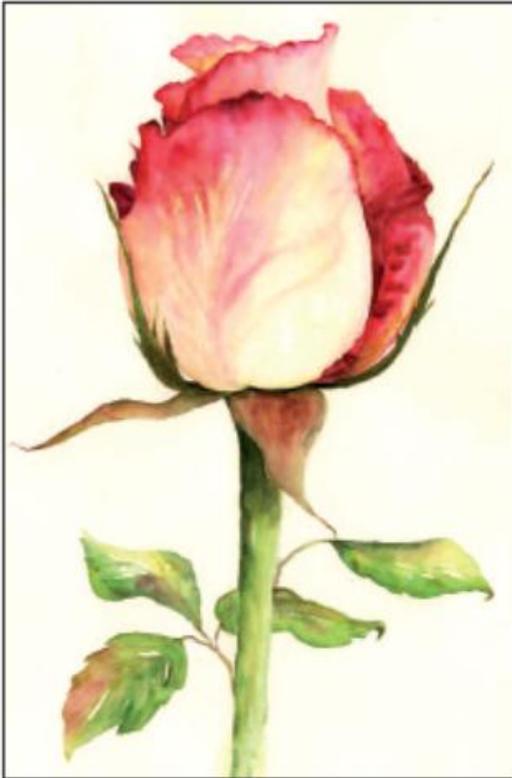
A revolução educativa do nosso tempo deve sem dúvida nascer no coração de cada educador, leigo ou consagrado, mas para haver um impacto social significativo é necessário que a líder da comunidade das Filhas de Maria Auxiliadora se abra a algumas mudanças.

O próprio Papa Francisco, observando com uma lente de aumento a *Vida Consagrada*, sublinha como ela é caracterizada por uma certa autorreferência e clericalismo. Com isto quer-se entender que, hoje, numerosas comunidades educativas, por meio de um fechamento ideológico e pragmático, não aproximam, mas afastam as pessoas. Em vez disso, para favorecer um movimento de cooperação em nome da corresponsabilidade entre leigos e consagrados é necessário que as comunidades criem processos de *escuta e abertura ao “novo”*.

Sem a escuta é difícil cultivar relações significativas e entrar em sintonia com as pessoas e com o mundo. Pelo que se pede para adquirir uma maior flexibilidade e abertura diante das ideias e das propostas que chegam do mundo secular, evitando o fechamento em rígidos esquemas mentais que muitas vezes determinam um afastamento também do contexto social.

giusyfortuna@gmail.com

hino à vida



MEDE-SE A ALMA
PELO TAMANHO
DOS SEUS DESEJOS

G. FLAUBERT

DEUS É PAI.
MAS A TERNURA
QUE TEM POR NÓS
O FAZ TORNAR-SE
MÃE.

CLEMENTE ALEXANDRINO



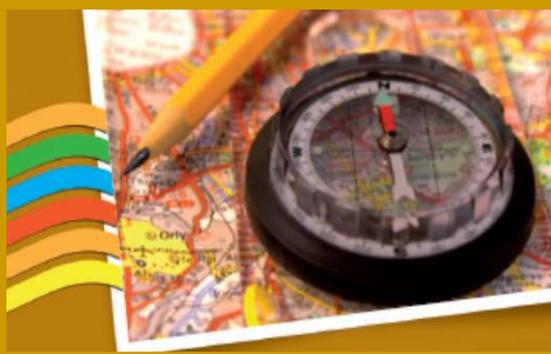
hino à vida

A RAIZ DA SABEDORIA ESTÁ EM
SABER MARAVILHAR-SE CONTINUAMENTE

LAO TZU

dma em busca

Leitura evangélica
dos fatos contemporâneos



EGS Culturas



Ser testemunhas do Deus da vida

Mara Borsi

A espiritualidade salesiana conduz ao encontro do Deus vivo. O encontro pessoal se traduz em ações ritmadas pelo critério do amor, daquele amor que promove a vida e que capacita a enfrentar qualquer desconforto e todo sofrimento. O testemunho do Deus vivo precisa de estilo: humildade, mansidão, cordialidade, confiança.

Toda a Bíblia é permeada pelo sentido profundo da vida em todas as suas formas.

O Israelita percebe Deus como uma força ativa. Deus nunca é um problema a ser resolvido, nem uma resposta às nossas demandas. Ao contrário, é aquele que interroga e de quem parte toda a iniciativa.

Nos Evangelhos o Deus que toca e transforma a vida de quem o encontra tem o rosto de Jesus: um Deus muitíssimo humano, o «Deus conosco».

Jesus revelou-nos que Deus está no centro da nossa vida. O seu Espírito trabalha, plasmando as pessoas,

os gestos, as situações. Torna homem e mulher “espiritual” aquele e aquela que sabe discernir e fazer desta presença, misteriosa e envolvente, o sentido da própria vida, o ponto de referência de cada escolha, o fundamento da esperança. A plenitude de vida coincide com o dom: o Pai dá o seu amadíssimo Filho e o Filho se dá, por amor, aos seus irmãos e irmãs. Aqui se enraíza a característica do amor educativo salesiano: amor universal e pessoal.

Esta convicção permite-nos reconhecer que Dom Bosco confiou-nos um projeto de espiritualidade. Ele é mestre de espiritualidade juvenil porque soube tornar vivo o Evangelho para os jovens, acolhendo-os em suas expectativas e em sua vontade de viver (*Juvenum patris* 5). À imagem do amor de Deus e da misericórdia de Jesus que rejeita as categorias exclusivas: “os bons”, “os maus”, o amor de Dom Bosco não excluía ninguém.

Em Valdocco, cada um dos seus jovens sentia-se reconhecido e amado. Muitos se sentiam os “preferidos”. Dom Bosco olhava e tratava cada jovem como se fosse um ser único, redimido por Cristo, com

sua vocação particular, que precisava ajudar a descobrir.

Uma espiritualidade educativa

Dom Bosco acreditava fortemente que, mesmo no simples plano humano, cada qual traz em si recursos escondidos, forças vivas, sobretudo naquele período de flexibilidade que é a juventude. Ele tinha no coração a experiência de uma maneira de viver a vida cristã que fosse capaz de unificar toda a existência

Basta recordar uma afirmação de São Paulo que citava com frequência: “Quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus” (1 Cor 10, 31).

A espiritualidade salesiana é uma espiritualidade educativa que acredita profundamente na pessoa humana, mesmo quando está ferida.

É uma espiritualidade que se empenha e luta para que se ampliem os limites da vida contra os da morte. Vida é construção de uma comunidade fraterna, comunhão filial com Deus, justiça e equidade para todos. Morte é o contrário disto. Gerar vida é restituir cada pessoa à consciência da própria dignidade, contra toda forma de alienação.

mara@cgfma.org



Viver, simplesmente

Vivi em diversas comunidades e pude experimentar a serenidade de uma vida cotidiana centralizada na força da Palavra de Deus, da Eucaristia e tecida de atenções, de diálogo sincero entre nós FMA, e de perdão recíproco. Comunidades simples, Irmãs mais velhas do que eu que me deram um concreto testemunho de fé e de dom gratuito. Eu vi Irmãs colocarem à disposição da comunidade, da missão, dos jovens mais pobres, os seus dotes, sobretudo o seu amor e a sua dedicação. Este testemunho foi e é para mim uma forte motivação para me tornar mais aberta, mais atenta a responder aos chamados cotidianos do Senhor, a procurar nas pequenas coisas a sua vontade e, por conseguinte, a agir. A relação fraterna e familiar fez-me crescer como pessoa, sentir a

confiança de quem vivia ao meu lado, a partilha de alegria, aspirações, preocupações, a participação responsável no projeto da comunidade.

Não obstante o trabalho intenso que a missão exigia, não obstante a diferença das idades, formação, cultura e mentalidade, refletindo sobre a minha experiência vejo com clareza que vivi em comunidades onde se harmonizavam atividade e oração, trabalho e partilha fraterna, paixão apostólica e interioridade educativa. Aprendi muito também das relações com as jovens. Fui assistente das meninas órfãs em um internato e professora em uma escola. No internato compreendi quanta força espiritual requer a assistência. Viver todo o tempo com as meninas fez-me perceber a beleza da missão educativa, apesar das inevitáveis fadigas. Reforçou-se a minha identidade de mulher, educadora e mãe.

Relembro com alegria tantos momentos de escuta, de diálogo pessoal, na busca de como fazer para responder às exigências das diferentes idades e situações, nos momentos formativos vividos com as educandas, nas pequenas experiências propostas para fazê-las experimentar os valores evangélicos como: a lealdade, a pureza, o serviço. Aprendi junto das meninas a considerar as dificuldades como oportunidades, como estímulos para ir adiante, evitando o julgamento e o pessimismo. Compreendi com clareza que sou chamada a ser testemunha do Deus da vida, que nos ama com amor eterno, entre as meninas.

Verdiana Samissone Armando, Moçambique



Jovens, fé e Igreja

Emilia Di Massimo, Palma Lionetti

Jovens de pouca fé! Por que, de um lado, um número cada vez maior de jovens, com o seu perfil, *no Facebook*, atribuindo-se uma orientação atea ou agnóstica, enquanto, de outro lado, estão em contínuo crescimento os sites onde “deixar” uma oração, “acender” uma vela ou “viver” um momento de paz? Os jovens não se tornaram surdos às razões do coração, o seu horizonte espiritual não está fechado ao transcendente e não são incrédulos e indiferentes, sobretudo diante do mundo religioso e, mais especificamente, da Igreja. Procurar compreender a atitude com a qual os jovens se colocam diante das instituições eclesiais, significa olhar, com os seus olhos, para entender como o sentimento religioso está mudando.

Quem são e o que querem os jovens?

O desafio que hoje lançam à Igreja é radical, porque pede uma redefinição profunda do conceito, mesmo muito enraizado, de que a instituição vem antes da pessoa, a resposta antes da pergunta, a lei antes da consciência, a obediência antes da liberdade. Aos educadores é exigido, como o Papa Francisco solicita várias vezes, não querer tanto que os jovens voltem para a Igreja, mas que a Igreja, por sua vez, vá ao encontro dos jovens, dando-lhes a palavra e deixando espaço ao seu protagonismo, de modo que não sejam uma geração sem prerrogativas. Em um contexto histórico e cultural que muda rapidamente, disse o Papa Francisco na audiência à Congregação para a Educação Católica, é preciso acolher o desafio educativo e “empregar os melhores recursos, despertar a paixão e colocar-se a caminho com paciência junto com os jovens. Educar é um ato de amor, um grande estaleiro aberto e um dos desafios mais importantes da Igreja”.

Oferecer uma proposta educativo-cristã a todos, no pleno respeito à liberdade de cada um, que assim se poderia sintetizar: Jesus Cristo como a essência da vida.

A oferta de tal proposta exige educadores competentes, qualificados, sobretudo porque, como afirma ainda o Papa Francisco, «A educação é dirigida

a uma geração que muda e, portanto, cada educador – e toda a Igreja que é mãe educadora – é chamado a mudar, no sentido de saber comunicar-se com os jovens que tem diante de si». O educador deve ter um alto profissionalismo, mas a qualidade da sua preparação não seria nem completa nem eficaz se não fosse rica de humanidade, capaz de estar com os jovens com estilo pedagógico, partilhando com eles a existência, para promover o seu crescimento humano e espiritual. A riqueza de humanidade nasce de uma vida pessoal de oração constante e cotidiana, sem a qual não pode existir nem anúncio, nem testemunho. Hoje os jovens são particularmente sensíveis aos educadores que se revelam profundamente humanos, capazes de ficar gratuitamente ao seu lado, conjugando amorevolezza e firmeza.

Uma Igreja “in & out”

Ser jovens no tempo em que vivemos é cada vez mais difícil, tanto quanto difícil é tornar-se adultos; mas se queremos deveras assumir um novo olhar, ocorre lembrar que a pastoral precisa de uma conversão que se traduz muito bem quando o Papa Francisco afirma na Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*: «A Igreja “em saída” é a comunidade dos discípulos missionários que tomam a iniciativa, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam... Que vão ao encontro, procuram os mais afastados e chegam às encruzilhadas das estradas para convidar os excluídos. Ser discípulo missionário é viver um desejo inexaurível de oferecer misericórdia, fruto de haver experimentado a infinita misericórdia do Pai e a sua força de difusão. Usemos, um pouco mais ao tomar a iniciativa!» (*Evangelii Gaudium*, 24). Uma Igreja que se envolve, que se inclina diante da existência do outro, qualquer que ela seja, derrubando os muros da divisão, dirá a um jovem que significado pode ter o encontro com Jesus Cristo na sua vida. Não nos parece que existam outros caminhos para que os jovens ainda possam antenar-se com Deus e com Ele sintonizar-se. Sabemos que a fé cristã no curso da história sofreu um processo que tornou opaca a sua capacidade de humanizar e já não convence muito sobre a

possibilidade de tornar o homem mais homem; registra-se a incapacidade de aferrar o sentido último da fé, a partir da autêntica garantia daquela busca de felicidade que mora no coração de cada um. Muitos, hoje, acreditam que a felicidade deve ser buscada em outro lugar diferente da religião cristã; prova disto é o seu modo cotidiano de viver, as suas decisões existenciais, as razões que se dão para seguir adiante. E se o cristianismo não leva à felicidade, a quem e a que poderá servir? Os homens e as mulheres do nosso tempo não são mais atraídos



pelo Evangelho de Jesus, apesar de Jesus Ihes ser apresentado de mil modos, em mil tons, em mil cores. Voltarão a perceber o fascínio do Mestre de Nazaré, do seu convite para uma vida bela e digna de ser considerada humana, somente se encontrarem

educadores felizes, credíveis porque capazes de doar essencialmente amor e compaixão.

Que valor você acredita ser absolutamente mais importante?

O amor emerge na ponta da lista dos valores expressos por uma amostra de 1000 jovens europeus. À pergunta: "Qual valor você considera absolutamente mais importante?", 99% dos mil jovens entrevistados responderam: "O Amor. O amor é aquele valor que, por si só, me paga o esforço de viver". Agostinho, um jovem de Arese, morto tragicamente aos 16 anos, escrevia sob forma de oração: "Dizem mesmo que o amor é uma prova da tua (de Deus) existência. Talvez seja por isso que eu não te encontrei: nunca fui amado de modo a sentir a tua presença..."

Quando um educador consegue fazer a experiência do amor, então a fé e a Igreja também podem começar a assumir um valor positivo na vida de um jovem.

Como escreveu há algum tempo o Santo Padre, isto acontece quando se supera «a tentação de privilegiar os valores da mente relativamente aos do coração». E, talvez, quando precisamente nós, que temos, no nosso DNA educativo, gravada a frase: "a educação é coisa do coração", chegássemos a dar esta bela contribuição à práxis educativa ordinária e à educação para a fé de que "somente o coração une e integra".

emiliadimassimo@libero.it; palmalionetti@gmail.com

Um olhar sobre o mundo



Um caminho diferente

Anna Rita Cristaino

As lembranças da viagem à Coreia são muitas. Não é fácil falar de Seul. É uma metrópole moderna, uma cidade do presente, mas voltada para o futuro. São muitíssimos os jovens que se espalham pelas ruas, sua economia está em contínuo crescimento e as linhas de transporte estão entre as mais eficientes da Ásia. Uma cidade dinâmica, uma vocação multicultural.

Uma cidade veloz, que não quer perder tempo e na qual tudo flui assim como o seu rio, que a percorre como se fosse uma artéria.

A imagem tradicional da Coreia remete à cerimônia do chá, ao silêncio e ao ritmo lento de verter a água e servir os convidados. Pensa-se em uma terra de sorrisos, fruto daquela espiritualidade oriental que convida a olhar sempre para além da evidência.

Mas, agora, naquelas ruas parece que tudo está diluído em um vórtice de luzes, sons, perfumes.

Onde está o coração da cidade? Onde sentir a sua pulsação?

Talvez seja uma cidade com mais núcleos, talvez tenha sido construída e transformada velozmente. Seguramente é uma cidade otimista.

Muitos testemunhos foram ouvidos e particularmente um nos tocou. É a história de Hyemin Gi, uma garota muito corajosa que compartilhou parte de sua vida, talvez a mais dolorosa, mas seguramente a que infunde esperança a quem decide levantar-se e recomeçar.

«A partir de onde vou começar a falar de mim? Eu não concordava com os meus pais, não vivia com a minha verdadeira mãe e não conseguia suportar aquela que, além de tudo, me maltratava. Fiquei na casa de minha madrinha até terminar o ensino médio e o superior. Meu pai me dizia para ter paciência com ela. Mas era difícil, pois, cada vez que me via, gritava comigo, dizia-me coisas que me davam a entender que realmente não gostava de mim e por isso saí de casa com 18 anos.

Conseguí escapar, mas não tinha nem dinheiro nem lugar para onde ir. Então comecei a usar o chat. Era um meio para ganhar dinheiro. Não sabia onde encontrar um trabalho. Nem um lugar onde ser acolhida. Então, encontrei um homem conhecido no chat. Passei três dias com ele entre o motel e o cibercafé. No final ele me deixou.

Estava novamente sozinha e sem dinheiro.

Andei por toda parte, mas não sabia o que fazer. Experimentei procurar trabalho e um lugar para ficar, mas ninguém queria uma moça de 18 anos. Ninguém me dava ouvidos e assim encontrei outro homem que me prometeu procurar um trabalho para mim e um lugar onde ficar.

Sabia que não devia acreditar nele, pois, já havia sido abandonada, mas assim mesmo eu o segui, estava muito cansada. Tive relações com ele e me pagou.

Com aquele dinheiro vim para Seul à procura de uma casa para *garotas que haviam saído da própria casa* e que eu havia encontrado na internet. Mas o homem com o qual devia ficar já tinha outra garota e, então, apresentou-me a um amigo seu com o qual eu poderia viver. Fiquei ali um ano, sem pensar em nada, procurando divertir-me.

Ele não me mandava embora, e não sabendo até quando ficaria com ele, encontrei outros homens, fui para a cama com eles, tive relacionamentos não bons. Fiquei ali um ano e meio e depois alguém me falou da *Main House*, então decidi-me pôr um ponto final, e vir para cá».

As fma que trabalham na comunidade *Main House* dizem que a prostituição já está ligada às indústrias do divertimento, é ilegal e combatida pela polícia.

As garotas quando entram nesses ambientes têm dificuldade para sair. Precisamente, caem numa armadilha. Quando conseguem escapar enfrentam muitas dificuldades: problemas legais a serem resolvidos, cuidados médicos a serem procurados.

Por meio da polícia e dos centros de aconselhamento, conseguem ter informações sobre a casa das fma. A primeira ajuda oferecida a elas é a de acertar a sua situação diante da lei, graças à ajuda de profissionais.

As meninas que vivem em comunidade na **Main House** têm entre 19 e 24 anos de idade. As fma oferecem-lhes um ano de formação no **Café Main**, não longe da **Main House**, para que se capacitem ao mundo do trabalho. Além disso, essas meninas se preparam aos exames estatais com a finalidade de reconhecer o próprio grau de estudos ou para um acerto profissional. Enfim, seguem diversas terapias por meio do aconselhamento.

Pakk Há Na Rosa é uma das garotas. Ela trabalha no Café Main e nos conta a sua experiência: «Eu pensava que fosse uma coisa impossível para mim trabalhar em um Café como garçoneiro, mas as Irmãs que administram este Café ofereceram-nos, para mim e para outras meninas, um lugar de trabalho a fim de nos ajudar.

Foi uma boa oportunidade. Nesse Café o tempo de maior afluência é durante o almoço. Mas depois achamos tempo para nos sentar, tomar um chá juntas e descansar.

É o momento mais feliz porque voltamos cheias de vida e com novas energias. Trabalhando no Café, ganhamos um pouco de dinheiro enquanto as Irmãs nos ajudam a nos inserir no mundo do trabalho. As mais jovens vêm para aprender e nós temos esperança de abrir uma, duas ou três filiais do Café Main. Por isso, damos o melhor de nós mesmas e nos empenhamos com todas as nossas forças».

As fma são corajosas. Olham para os problemas de muitas jovens que são capturadas nas redes da prostituição juvenil e os enfrentam, não fazem de conta, não dão as costas.

Não procuram Madalenas para salvar. Estão ali porque cada pessoa tem um tesouro e tem o direito a uma vida digna. Restituem a estas jovens uma chave para compreender a si mesmas e a própria vida.

Quando uma jovem já recebeu a ajuda da qual precisava, pode especializar-se em algum trabalho para o qual tem inclinação como ser cabeleireira, cozinheira ou, seja lá o que for. Para ter um trabalho passa pelo *self suport Center*. A jovem é acompanhada enquanto não for completamente autônoma.

Hyemin Gi testemunha, dizendo: «Aqui me tratam bem, mais do que em uma família; acolheram-me com calor humano e afeto.

As outras meninas que estão nesta casa também me tratam bem e eu lhes sou agradecida. Agora estou

estudando enfermagem para futuramente cuidar das pessoas enfermas».

Há sempre um ponto acessível ao bem. Há sempre a possibilidade de virar a página. E esta parece ser a missão das fma que trabalham na *Main House*, mas também em outras estruturas sempre a favor de quem se encontra em dificuldade, como a comunidade *Mazzarello Center* onde são acolhidas as menores enviadas pelo Tribunal. Na verdade, o *Mazzarello Center* é uma casa de recuperação. As meninas que estão aqui, teriam ido para uma casa de correção de menores. Aqui as Irmãs se propõem a oferecer a elas uma página em branco e dar-lhes a possibilidade de escrever em primeira pessoa seus sonhos, seus desejos, o que querem realizar. As fma colaboram com outras instituições. O trabalho é bem coordenado e sem dúvida muito eficiente.

O *Mazzarello Center* é muito diferente das prisões para as quais o tribunal teria mandado muitas destas jovens, mas aqui, ao invés, elas têm autonomia e são capazes de auto-corriger-se quando cometem um erro. As Irmãs entenderam que, em primeiro lugar, estas jovens devem readquirir a consciência da própria capacidade. Aprendem a compreender o valor do

limite, que não é submissão a regras forçadas, mas o justo equilíbrio entre o bem para si e o bem para os outros.

Como o arroz nos arrozais, que espera o melhor momento para ficar fora d'água, que se deixa escaldar pelo sol, e que se curva quando é o momento de ser colhido, assim também estas meninas requerem a mesma paixão e paciência, o mesmo cuidado, o mesmo calor.

A Coreia é uma nação jovem. As fma sabem que em uma sociedade onde tudo reluz, onde os sorrisos que se veem estampados nas paredes são de plástico, os jovens continuam a procurar a felicidade. Eles a buscam dentro si mesmos. Querem encontrá-la em algo que não murche.

As jovens que encontraram e que decidiram presentear-nos com o seu testemunho, têm vontade de curar as suas feridas e de preencher os seus vazios.

E elas se curam todos os dias. Cada dia é a alvorada do seu renascimento.

arcristaino@cgfma.org

A história das jovens da *Main House* e do *Mazzarello Center* é contada em um DVD produzido pelas Missões de Dom Bosco em colaboração com o Âmbito para a Comunicação Social.

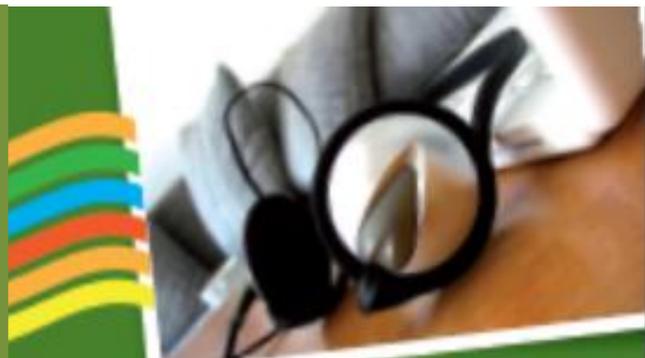
Ali são relatadas outras histórias de garotas que, graças à ajuda das fma, encontraram casa, calor humano, afeto. E puderam tomar consciência do próprio valor.

Por meio do "calor humano" de uma casa, por meio da clareza das tarefas e das regras, por meio do reconhecimento de que a vida vale a pena ser vivida, sempre, e não deve ser desperdiçada, estas jovens reencontram a esperança, fazem a experiência de começar novamente, encontram a coragem de caminhar.



dma comunicar:

informações, notícias e novidades
do mundo da mídia



Faz-se para dizer



Experimental

Maria Antonia Chinello

Na comunicação, como na nova evangelização, é preciso entrar no jogo, envolver-se, caminhar... Como aprendemos por meio de “tentativas e erros” é importante não parar de procurar e de ir em frente, de mudar a rota e de retornar sobre os próprios passos com humildade e misericórdia.

Entre «presente contínuo e futuro próximo»

Vivemos em um tempo não difícil, mas diferente das épocas que nos precederam (EG 263), marcado pela rapidez das inovações e das informações, como também pela precariedade econômica e social.

Não é fácil fazer previsões: Às vezes não somos capazes de saber se as escolhas que fazemos hoje, ainda serão válidas amanhã e, sobretudo, se terão os resultados esperados. Se forem consideradas as oscilações do mercado e as previsões econômicas é quase impossível construir cenários futuros minimamente certos. Nós nos movemos em um contexto social marcado pela crescente interdependência no qual cada ação local tem repercussões globais.

Segundo Ulrich Beck agimos no «capitalismo global do risco», onde os tradicionais pontos de referência estão mudando profunda e rapidamente, onde a um futuro nem sempre previsível corresponde, quase um contrassenso, um leque de oportunidades amplas a serem escolhidas, a serem selecionadas, a serem compreendidas e percebidas nas suas dinâmicas e processos.

Parece que «a única certeza da qual hoje dispomos é a incerteza».

Com isso não se quer dizer que não se projete mais, que não se olhe mais para o futuro. Isto se faz, mas com prazos mais restritos, programações com termos breves e flexíveis. São os jovens que captam imediatamente os cenários de hoje. Imersos em um «presente contínuo», ininterruptamente *online*, *hábeis no multitasking*, as gerações jovens, na busca de experiências diferentes, não necessariamente coerentes e/ou consequentes entre eles, reconhecem-se «exploradores». Experimentam, sentem, aprendem como em um mar aberto. Navegam, fazendo manobras e descobrindo, tomando decisões... Como em Rede, procuram o *link* ao qual aproar, referências às quais agarrar-se, valores e verdades nas quais crer,

esperanças nas quais confiar. Procuram alguém que os ajude e os oriente para evitar cair na falsa equivalência que, mesmo na vida, interage-se com o estado de aceso/apagado; in/off, selecionado/não-selecionado. Adultos responsáveis e reconhecíveis, que não tenham apagado o perfil, a consistência e a coerência da própria identidade.

Acrobatas, ou aceitar o risco

Há uma imagem que trazemos gravada nos olhos: Joãozinho Bosco nos Becchi, equilibrando-se na corda estendida entre duas árvores para entreter os amigos e as famílias da pequena região de Castelnuovo.

Suspenso entre céu e terra, tentava e retentava a travessia suspenso no vazio. Pode ser a metáfora de um estilo pedagógico que não deixa pedra sobre pedra e que, com os olhos fixos adiante, depende e confia no risco do vazio, durante a condução ao objetivo.

Foi o que sugeriu também o Papa Francisco no encontro com os jovens, os professores e os pais da escola dos Jesuítas: «Na educação há um equilíbrio a ser mantido, equilibrar bem os passos: um passo firme no quadro da segurança, mas o outro prosseguindo na zona de risco. E quando aquele risco se torna segurança, o outro passo procura outra zona de risco.

Não se pode educar apenas na zona de segurança: não. Isto é impedir que as pessoas cresçam. Mas, também não se pode educar somente na zona de risco: isto é muito perigoso».

A nossa missão de educadoras evangelizadoras pede, hoje como ontem, dinamismo missionário que leve sal e luz ao mundo, para não paralisar-se, não adiar ainda mais a resposta ao amor de Deus que nos convoca à missão e nos torna completos e fecundos.

Tomar a iniciativa, envolver-se, acompanhar, frutificar e festejar... não há desculpa, mesmo diante de grandes dificuldades, para reduzir o nosso empenho: «é exatamente a partir da experiência deste deserto, deste vazio, que podemos descobrir novamente a alegria de crer, a sua importância vital para nós homens e mulheres. (Bento XVI).

mac@cgfma.org



Balas que estouram

Candy Crush Saga é uma app entre as mais descarregadas (e jogadas) pelo iPhone, iPad e Android..., mas pode-se jogar também no Facebook. Quarenta e cinco milhões de jogadores no mundo, 600 milhões de partidas por dia, mais de 30 bilhões de partidas por mês, mais de 500 milhões de usuários que descarregaram em nível global e que jogaram mais de 150 bilhões de vezes. Uma companhia sem limites de idade: desde as crianças da escola primária, os jovens, os adultos até os pensionistas.

Todos juntos apaixonadamente com um único objetivo: fazer estourar o mais possível as balas, reagrupando-as por cor, forma, tipologia. Assim que você toma um punhado na mão, torna-se difícil sair fora. O jogo não é sempre fácil, porque é 90% baseado na sorte e o restante 10% (talvez menos) na habilidade. Quando se quer vencer com mais comodidade, basta pagar e comprar balas bônus, peixes mágicos de gelatina, tempo e movimentos a mais.

Mas parece que a doçura está acabando: uma notícia das últimas semanas varreu o negócio que está por trás da tal (e semelhante) aplicação: "King.com", a sociedade inglesa editora do jogo, obteve o copyright exclusivo da palavra "candy" com os relativos direitos de utilização. Quem agora for utilizar a palavra "candy" no título de qualquer app deverá demonstrar que o seu jogo não viola a marca, de outro modo deverá pagar multas salgadíssimas.



Mulheres do Evangelho

Bernadette Sangma

Nestes últimos meses, pelas surpresas que Deus nos dá, estou em Vellore no sul da Índia. Aqui eu pude testar o coração evangélico de duas mulheres capazes de transformar todo o território em um oásis de bem a serviço, sobretudo dos mais pobres e marginalizados.

Vellore é um lugar semiárido ornado aqui e ali pelos picos rochosos em que o reflexo cria um calor enorme, sobretudo nos meses de verão.

É neste lugar que duas mulheres distantes por origens, formação e interesses diferentes, animadas, porém pela mesma paixão por Deus e compaixão pela humanidade, convergem de modo providencial.

Uma estadunidense e a outra italiana; uma Protestante e a outra Católica, religiosa e fma; uma interpelada pelo campo da saúde das mulheres e a outra pela educação das mulheres: ambas semearam e testemunharam a força transformadora do Evangelho.

Ida Scudder, fundadora do Colégio Médico Cristão

Filha de um casal de missionários cristãos dos Estados Unidos, Ida não queria seguir os passos dos pais, mas a doença da mãe a fez voltar para a Índia em 1890. Um retorno que mudou completamente a sua vida.

Tudo acontece numa tarde quando um hindu da alta casta indiana chega até Ida pedindo uma ajuda médica para a mulher com parto difícil. O médico era seu pai, mas seguindo os costumes indianos daquele período, um homem de fora da família não podia curar uma mulher. O homem volta para a casa rejeitando a ajuda do pai de Ida e deixando morrer a mulher. O episódio se repete na mesma fatídica noite uma segunda e uma terceira vez com um muçulmano e um hindu. Três mulheres que morrem de parto por falta de mulheres médicas! O fato abala Ida profundamente a ponto de provocar nela uma mudança total, passando da sua recusa de viver na Índia à decisão de estudar medicina para ajudar as mulheres indianas.

Volta aos Estados Unidos em 1895 e se inscreve no Colégio Médico Feminino, na Pensilvânia.

Completados os estudos em 1899, movida por uma paixão, volta para mudar a situação.

Em 1900, começa um pequeno ambulatório em Vellore e dois anos depois constrói um hospital com 40 leitos. A partir de então os passos para o desenvolvimento desse Centro Médico não conhecem limites.

Hoje a faculdade oferece cursos de doutorado e 150 cursos de licenciatura em medicina, enfermagem e outras disciplinas afins. Um total de 2.000 estudantes são inscritos anualmente. O hospital tem 2.000 leitos e o ambulatório 5.000, tornando-se um dos hospitais mais renomados a serviço dos pobres da Nação.

Está a serviço de todos sem distinção, mas a abordagem evangélica marca o ambiente de modo inconfundível.

Os trechos da Palavra de Deus ecoam nos quadros em cada parede, nas orações organizadas e nos hinos que se cantam e/ou tocam. São várias as denominações cristãs que colaboram, oferecendo assistência espiritual aos pacientes, e respira-se um clima de solidariedade e de apoio para enfrentar o sofrimento físico, psicológico e espiritual.

Cesira Gallina, sonhadora do Auxilium College, Katpadi

Cesira Gallina nasceu em uma numerosa família de 15 filhos dos quais quatro morreram quando crianças. Dos remanescentes onze filhos, três se tornaram religiosas, entre as quais uma missionária FMA na Argentina. Cesira vai para a Índia em 1929 com um grupo de outras sete missionárias e a primeira inspetora da Índia, Madre Tullia Berardinis. Vive os seus primeiros anos de vida missionária no entorno de Vellore e em Vellore mesmo, trabalhando na escola, visitando as famílias e distribuindo medicamentos ao povo dos vilarejos.

Em 1952, é nomeada quarta Inspetora da Índia. Enquanto cobre esta responsabilidade, de 1952 a 1959, realiza o seu sonho educacional em favor das jovens mulheres. Na origem do sonho está a interpelação de um Muçulmano, oficial educativo do distrito.



Constatando a qualidade educacional das escolas das fma na região, o oficial pede a Madre Cesira para completar tal serviço com a abertura de um colégio universitário que pudesse contribuir para o progresso da educação superior das jovens mulheres.

O relato do episódio diz que enquanto estavam conversando, o oficial percebeu que estava na hora da sua oração da tarde, pediu licença, entrou na capela e se prostrou cinco vezes no ato da oração islâmica e depois despediu-se de Madre Cesira sorridente declarando que estava seguro de que a sua resposta seria positiva. E assim aconteceu... porque não obstante a falta dos meios e do pessoal, o sonho se tornou realidade depois de dois anos. Os primeiros

inscritos eram 60 em 1954 com a possibilidade também de um convite para acolher 250 estudantes residentes.

Hoje, a realidade do Auxilium College, Katpadi, é um mundo de expressão feminina de inteligência, de ciência, de arte e estética, de criatividade, de ideias inovadoras que levam pouco a pouco à mudança, reconhecendo as próprias raízes e as percepções sobre a situação da mulher, onde ainda existe a discriminação e a marginalização de quem nasce mulher.

Recolhendo a chama

Ir. Arokiya Jayaceeli, fma, professora e diretora do departamento de literatura Tamil, diz: «O contexto em que vivemos hoje mudou profundamente. Entrar no coração do sonho educativo de Madre Cesira e de Ida Scudder é apontar para a formação integral da jovem. Isto implica a formação de mulheres dotadas de liberdade interior, mulheres que alcancem o Evangelho e, portanto, mulheres protagonistas da transformação social».

sangmabs@gmail.com

Video



A máfia mata apenas no verão

de Pierfrancesco Diliberto – Itália, 2013

Mariolina Parentaler



Aplausos! Enquanto no Festival de Cinema de Turim, de 2013 vence o *prêmio do público* como melhor filme, as instituições se apressam em publicar: *Aconselha-se uma difusão urgente deste bellissimo filme, pelo seu alto valor educativo e social*», favorecendo também o nascimento de projetos que em alguns municípios está patrocinando o aluguel da película e promovendo a projeção/debate.

Estreia surpreendente na direção de Pif (Pierfrancesco Diliberto, um condutor-autor televisivo de grande sucesso) *A máfia mata apenas no verão* «era o filme que faltava ao cinema civil, observa M. Porro no *Corriere della Sera*.

Alterna informação, formação e sátira de modo novo, divertido e cativante, contando os massacres mafiosos dos anos 70 por meio dos olhos de uma criança». Pif nasce em Palermo numa região inclinada ao fatalismo como a Sicília, mas faz algo mais do que mostrar a parábola descendente de Cosa Nostra. Escolhe como protagonista um rapazinho que cresce, cultiva sonhos, esperanças e ilusões. Que aprenderá a subtrair-se às regras do jogo sentindo-se e querendo-se 'diferente' com relação à cultura difundida da qual a criminalidade organizada é expressão. Um romance de formação que encontra a sua relevância naquilo que narra e a sua força no modo como o relata. A ser conhecido/valorizado.

Um filme denso que faz rir e refletir

O diretor faz questão de dizer que não é autobiográfico, mesmo se, tendo crescido em Palermo, as referências pessoais não faltarem.

É inspirado na sua biografia, mas em geral procura representar as experiências de muitos parlamentares com a difusão da “mafiosidade” para cada nível da experiência cotidiana.

Todos os protagonistas vivem uma vida dupla: de um lado a de todos os dias, incluindo o namoro e o estudo do delicioso protagonista Arturo, de outro lado os abusos, a corrupção e os homicídios do mundo mafioso.

Cada personagem deve encontrar um equilíbrio próprio, ou para fazer conviver estas duas dimensões tão diferentes, ou para ‘desviar-se’: eis a chave estrutural da obra.

Uma empresa colossal, sobretudo pela escolha do estilo/direção: relatar a máfia rindo dela. Pif consegue fazer isso, e chega a ser ao mesmo tempo agradável e cômico sem renunciar à dimensão da reflexão e do drama.

Sabe contar por meio dos olhos de uma criança as atrocidades da máfia e de refletir sobre a necessidade de ‘tomar consciência’ paralelamente ao percurso de crescimento pessoal que coincide com o social/cultural da cidade.

Até o epílogo, no qual se derrete em uma poética e comovente homenagem a quem realmente perdeu a vida para combater a máfia.

Arturo é um menino palermitano que foi concebido exatamente no dia do massacre de Viale Lazio. No curso elementar enamora-se de Flora, uma companheira de classe, amor que permanecerá intato por toda a vida, não obstante a diferença social entre os dois e a distância que os separa quando o pai da menina leva a família para a Suíça.

Em Palermo a máfia dá os seus golpes e o autor os sublinha com alguma coisa que acontece ao menino. Parece ser o único que se interessa pelas coisas do mundo criminal, todos os outros fingem não ver, tanto é verdade que quando Arturo pergunta ao pai se a Máfia é perigosa, ele lhe responde: “seus membros são como os cães, se não os molestam não mordem”, e acrescenta: “pode ficar tranquilo porque ‘a máfia mata apenas no verão’, e nós agora estamos no inverno...”

A verdadeira tomada de consciência de Arturo advém com o assassinato de Falcone e Borsellino quando, já adulto, o seu amor por Flora que havia voltado a Palermo, o acompanha também na profissão de jornalista.

De início assume esta profissão por acaso, mas depois o jornalismo se tornará uma escolha sempre mais sua, caracterizada pela crescente curiosidade e pelo empenho em compreender de modo mais crítico o que acontecerá. No final do evento conclui-se com um *happy end*. Não só a respeito das implicações pessoais de Arturo e Flora – finalmente casados e pais – mas por oferecer indicações tocantes sobre a necessidade de alimentar nos próprios filhos um olhar consciente: as sementes de uma consciência civil que não pode negligenciar o suporte da memória social, histórica, coletiva. Cinema empenhado em primeira linha que diz: se a ironia faz parte do DNA de Pif, um atento autocontrole e o seu conhecimento da matéria lhe permitem não fazê-la superar os limites.

Move-se para uma conclusão que comove: com o filho no ombro Arturo procede com firmeza para ensinar-lhe o que conhecera. Posa e o faz posar o olhar sobre as placas de mármore que ‘medicam’ as feridas de Palermo. Placas fixadas nas paredes e na sua memória, sobre as quais lê os nomes dos que caíram, o seu empenho, a sua obra: a verdade. Porque, de qualquer lugar de onde ela venha é sempre bem-vinda.

m.parentaler@fmaitalia.it

PARA REFLETIR

A ideia do filme

É difícil sair do bloco. Com maior razão quando se chama máfia. Por que então não relatá-lo com dois olhos azuis, dos quais é impossível destacar-se, e um sorriso de menino de rua siciliano que sabe muito, mas que te conta um pouco por vez?

«Diante da máfia, por quanto amargo possa ser – afirma Pif na entrevista – no momento se vive melhor baixando a cabeça, e depois se verá. Então, ser um menino às vezes convém. Para que imites os teus modelos, isto é, os adultos. E se para eles não há problemas, não existem nem mesmo

para ti. Os problemas chegam quando, um dia, o menino compreende que ‘a máfia não mata somente no verão’ (...) Eis porque eu quis que o protagonista fosse Arturo.

Quando era jovem na Sicília não se queria admitir o problema. Esta atitude de desinteresse isolou magistrados e jornalistas que, em vez, viam aquelas coisas e as viam bem, mesmo então. Por isso eu fiz este filme. Em Palermo é preciso ser branco ou negro porque a máfia é cinzenta, ela nos atrai para si... e está espalhada por toda parte». Arturo, como todos os meninos, aceita passivamente os raciocínios dos adultos, que diante do seu problema preferem voltar-se para o outro lado. Pouco a pouco, porém, amadurece a consciência da importância de assumir uma tomada de posição clara diante dela.

O sonho do filme

“A união faz a força. Sei que o problema existe, mas ‘juntos’ pode-se vencer, porque se a máfia não tem um único líder a ser combatido há dificuldade para vencer”. (Pif)

Deliberadamente caracterizado pela intenção de considerar as gerações jovens os seus interlocutores privilegiados, o filme relata um percurso de formação escandido das reações pessoais de Arturo aos eventos da Crônica que se tornará História. «Não apenas como tributo à memória dos muitos caídos de então – insiste Pif. Espero que pensem que não pode acontecer mais. Todos somos

chamados a não fazer acontecer mais! Gosto de dizer que nós hoje podemos fazer brincadeiras sem arriscar a vida. A máfia está menos poderosa do que naqueles anos, mas não é preciso diminuir a vigilância (...) Falcone e Borsellino eram dois gigantes, mas a sua grandeza foi ampliada pela solidão em que lhe havia relegado o estado. É necessário que os jovens o saibam. Que o seu registro de crescimento coincida com a sua maturação interior para que possam tornar-se gigantes eles também junto aos gigantes que também hoje existem, por exemplo, aqueles do ‘Adeus piso salarial’: 800 comerciantes que não pagam o piso e expõem orgulhosos a sua tabela.

Também nós giramos sem pagar o piso salarial (...).

O livro



Eu te contarei todas as histórias que puder

Agnese Borsellino com Salvo Palazzolo



“Querida mamãe, você nos deu um grande presente... Nem mesmo nós os seus filhos conhecíamos todas as anedotas e as confidências que quis nos deixar neste relato confiado a Salvo Palazzolo, antes que a sua doença tomasse definitivamente a dianteira... Estas páginas não são uma biografia, uma coleta de testemunhos históricos, são muito mais: o seu último ato de amor para com papai, antes, são a vossa história de amor”.

Assim escreve Manfredi, o segundo dos três filhos, em uma espécie de prefácio dedicado à mãe, àquela mulher excepcional que foi a mulher de Paulo Borsellino.

O notório jornalista, que se pode considerar o coautor deste livro, nos informa das circunstâncias nas quais ele nasceu.

“Certo dia de abril de 2013, Agnese Piraino Borsellino decidiu sair de casa, apesar de estar confinada a uma cadeira de rodas e os médicos terem recomendado cautela com o terrível mal que afligia o

seu corpo. Saiu para se encontrar com os jovens que, em cortejo, a partir do palácio da justiça, haviam chegado até diante de sua casa para expressar solidariedade ao procurador substituto Nino Di Matteo e aos magistrados de Palermo e Caltanissetta ameaçados de morte pelas investigações sobre os massacres de 1992...

«Não nos deteremos, disse, queremos saber toda a verdade sobre a morte de Paulo, de João e de todos os outros mártires de Palermo». E decidi que havia chegado o momento de contar as suas inúmeras batalhas, antes e depois de 19 de julho de 1992, o dia da tragédia de Via D’Amelio.

Momentos inesquecíveis

Esta decisão de relatar, pode-se compreender que não é apenas um grito de rebelião, a denúncia apaixonada de uma verdade que se quis ocultar, é, sobretudo a necessidade de tornar a percorrer as etapas da própria aventura humana: o tempo da juventude desconhecida e um pouco frívola, os tempos felizes do amor por Paulo, que inconscientemente tornou-se para ela mestre de vida, o tempo da agonia

de uma ferida incurável que, todavia, não a fecha em uma solidão amarga, mas a abre às mais ternas relações com os outros a fim de ser para todos um dom de si. “Tenho ao meu lado os meus filhos, Lucia, Manfredi, Fiammetta... não posso senão orgulhar-me deles... Tenho ao meu lado os amados netinhos, e minha nora Valentina, os meus genros Fábio e Antônio, que são como filhos para mim...”.

Numa etapa anterior é mencionada a mãe de Borsellino, “Maria, uma mulher dulcíssima, que o filho acariciava como uma criança”, e o pensamento de quem lê corre àquela última visita à mãe feita pelo juiz Borsellino, assassinado exatamente ao sair da casa dela, naquele trágico 19 de abril.

A sua voz alegre...

«Tantas vidas vivi – confidencia Agnese – antes e depois de Borsellino, o pai dos meus filhos. Arrancaram-no de mim num domingo de julho há vinte anos, mas parece que foi ontem. Sinto-o ainda aproximar-se, fazer-me uma carícia e me dar um beijo, depois sai acompanhado dos agentes da escolta», e ela o lembra nos momentos inesquecíveis da sua cotidianidade, quando às vezes sorria ao perceber um novo broto nas plantinhas que estavam no balcão. «Perguntava-lhe: “Paulo, por que está sorrindo?””. Ele me dizia: “Sorrio ao irmão sol que hoje nos dará mais um belo dia”. “Sabe, Agnese, sussurrava, sou um homem afortunado porque na minha idade chego ainda a me emocionar!”

Enquanto isso os jovens estavam se levantando, um depois do outro. Manfredi e Fiammetta eram verdadeiros dorminhocos, giravam debaixo das cobertas enquanto Lucia já estava vestida.

Então Paolo começava a bater palmas, levantava as persianas. Era uma festa que se repetia com o costureiro e alegre ritual. Paolo tirava as cobertas, às vezes abria também a janela, primavera ou inverno não fazia diferença... Parece-me hoje. Sinto o cheiro do café, que Paolo adorava. Ouço a sua voz alegre enquanto conta as habituais piadas.

A certa altura a voz se faz séria, o papai pede aos jovens notícias da escola. Em seguida toca a campainha da casa, são os homens da escolta. Paolo coloca no fogo outra cafeteira. Aqueles agentes são como filhos para ele, trata-os com a máxima atenção».

Cordial e respeitoso com todos, Paolo Borsellino era capaz de dizer aos seus réus, até aos mafiosos: «Vocês são como eu, têm uma alma como eu a tenho. E além da alma o que têm? Os sentimentos».

Eles lhe respondiam: «Senhor juiz, o senhor erra, nós somos animais», e ele insistia: «Não, também vocês a possuem, agora chegou o momento de demonstrar os sentimentos, só que não sabem que os possuem».

Agnese lembra de tê-lo escutado a dizer: «Palermo não me agradava, por isso aprendi a amá-la. Porque o verdadeiro amor consiste em amar aquilo que não nos agrada para poder mudá-lo». Parecem palavras de um santo... ou por acaso o são deveras?

E segue todo um vislumbre: os lugares, os objetos que estiveram em contato com a pessoa amada, um remexer em todos os cantos da memória para encontrar uma presença, uma palavra que pode estar perdida.

Tudo como sempre

A última página nos conduz a Villagrazia, uma casa a beira-mar que pertencia ao pai de Agnese, onde ela e Paolo gostavam de, às vezes, refugiar-se, evitando a escolta.

«Amor meu, ali tudo ficou como sempre... Parecia-me quase ouvir as suas risadas, esta manhã. Depois também as batidas da sua máquina de escrever no escritório de meu pai: ficava horas e horas escrevendo, lembra-se? No final nascia-lhe um calo... Continuo a procurá-lo em casa, mas você não está. Então abro a janela. E espero. Espero vê-lo despontar com a sua bicicleta, o pão no cestinho e o braço direito para o alto enquanto faz com a mão o sinal de vitória».

Música e Teatro



A formação da personalidade no teatro pedagógico

Sara Cecilia Sierra, Wolf Rüdiger Wilms

Neste artigo desejamos voltar de novo à pergunta sobre o valor formativo das representações teatrais, porque em um âmbito de trabalho pedagógico social, o teatro deve ser considerado sob o ponto de vista da educação.

As representações teatrais desenvolvem-se no setor da formação artística (estética) na qual o sujeito confronta-se consigo mesmo e com o seu próprio ambiente em um contexto artístico.

Como professores de teatro, é bom criar condições para o desenvolvimento da personalidade dos estudantes de um modo independente e autodeterminado.

O tipo de experiência que é importante para o teatro pedagógico, baseia-se em impressões sensoriais concretas que não podem ser traduzidas em uma linguagem acadêmica, porque fazem parte de um processo de realização criativa e significativa.

É bom ficar atentos a todas as possibilidades que o teatro pode oferecer no contexto pedagógico, mesmo como remédio a fenômenos de crises individuais e sociais.

Embora nem tudo o teatro possa fazer, em primeiro lugar o teatro pedagógico age sobre alguns comportamentos (competências sociais) como a capacidade de relação em grupo e em equipe, a tolerância, a habilidade comunicativa, a concentração, a presença, a autoformação e muito mais.

Seguramente algumas técnicas teatrais podem ser aprendidas sistematicamente no teatro pedagógico e usadas com sucesso mesmo em outras áreas de atividades não artísticas. Igualmente os elementos de formação, a exemplo do *fitness* ou também a formação mental aplicada em diferentes esportes podem beneficiar no ordem inversa o trabalho corporal no teatro. A diferença está no fato de que uma sequência expressiva de movimento no teatro não é a mera aplicação de uma técnica qualificada. No teatro pedagógico o ator em cena traz a qualidade da sua expressão corporal e das estruturas de sentido, os motivos, as emoções do mundo interior próprio ou o do papel que está interpretando. Por isso os jovens atores devem ter um conceito muito claro dos hábitos, das qualidades e dos recursos da figura que querem personificar. Às vezes alguns papéis – como infelizmente acontece, e com frequência – são representados apenas de modo superficial e estereotipado, e deste modo não se pode conseguir o nível de desenvolvimento da personalidade na criação artística.

Na extensa estetização de um grande número de áreas sociais, a noção de estética está perdendo cada

vez mais o nível de um processo artístico. Vemos isso a partir do cuidado com a estética dos bens de consumo.

O olhar de um comprador potencial para um produto firma-se sobre a confecção. O comprador está convicto de tomar a sua decisão a partir do invólucro, sem interessar-se muito pela qualidade do produto verdadeira e propriamente.

No teatro o público não acreditará na interpretação de um ator que apresente o seu personagem, quando se esconde por trás do costume e da máscara, sem tornar visível e tangível sua arte e seu gesto feito diretamente por impulso do seu mundo interior.

A essência de uma experiência estética no teatro, e com ela também o seu significado para a formação da personalidade, consiste no fato de que o ator (e de certo modo também o espectador) faça uma auto-experiência a partir da perspectiva de um conhecimento extraordinário, para pôr em jogo não a si mesmo, mas o personagem.

Neste processo é criado um certo diálogo interior e também um conflito entre o ator e o personagem ao qual o jogador/ator deve reagir. A sinalização e apresentação de tais contradições e disparidades é um aspecto central no *teatro épico de Bertolt Brecht*. À base desta perspectiva diferente e estranha da própria experiência, o ator pode criar novas realidades nas quais é capaz de utilizar o espaço ampliado para novas possibilidades de percepção da realidade social em jogo.

A ruptura com o que é familiar, que se verifica com frequência neste contexto, pode provocar insegurança e desordem no ator. O valor da formação deste espaço entre ator e personagem reforça a faculdade de julgamento sobre o mundo social no qual vive o sujeito em jogo.

Em síntese:

- O teatro pedagógico dispõe de uma estética própria. Com esta quer provocar alguma coisa tanto no jogador/ator como no espectador. Todavia o teatro pedagógico não pode ser instrumentalizado ou reduzido a um acúmulo de recursos e remédios para objetivos fora do teatro. Tais expectativas exageradas podem levar a fortes decepções.
- O teatro pedagógico cria um espaço de experiência no qual os atores aprendem a ver a si mesmos e o mundo no qual vivem, no início com os olhos dos outros e depois com os próprios olhos, mas transformados, de modo a interagir de maneira possivelmente diferente.



Olho por olho

Devo ser sincera: pela minha veneranda idade não posso certamente lamentar-me da saúde que o Senhor generosamente me conserva viçosa, todavia, como imagino acontecer a muitos, às vezes a minha visão me prega peças; por isso precisei recorrer à consulta de um especialista. E – vocês não vão acreditar – naquele consultório do oculista os meus olhos se abriram!

Olho por olho (no verdadeiro sentido da palavra) é possível procurar todo o variegado mundo que se esconde em uma comunidade religiosa; e enquanto o oculista me explicava todos os problemas de vista que podem afligir uma pessoa, eu via desfilar diante de mim o alegre bando das minhas irmãs...

Ir. Mercedes. O seu olhar é ativo, vivaz, acolhe o sinal de tudo o que lhe passa ao lado, mas apenas aquilo: O seu ofício, os seus deveres, a sua conversa, os seus jovens, o seu Jesus... Não consegue ir além disso. Má vontade? É claro que não! O que está longe (talvez só na inspetoria...) está de tal modo fora de foco a ponto de ser confundido com o nada. Olho míope.

Ir. Vera. O seu olhar é empreendedor, prospectivo, capaz de colher os traços de Deus disseminados nas experiências mais originais, nas missões mais remotas. Porém, é inútil bater à sua porta porque não percebe que quem vive ao seu lado pode precisar dela.

Hipocrisia? Mas nem brincando! É simplesmente impossibilidade para focar o que tem debaixo do seu nariz, incapacidade de posar o olhar naquilo que toca diretamente a sua vida. Vista cansada.

Ir. Zoé. O seu olhar é homogêneo, equilibrado, sabe pôr cada coisa no seu lugar... Sim, vai bem; às vezes tem repensamentos, mas quem nunca voltou atrás? Incerteza? Nem por sonho! Cada juízo que formula sobre a realidade precisa de um corretivo porque lhe aparece sempre em duas óticas diferentes... Afinal, o bem nunca está sempre e apenas em um dos lados! Olho astigmático.

Ir. Addolorata. O seu olhar é realista, às vezes um pouco escuro, sim, mas afinal há crises em toda parte e não são mais os tempos de outrora... Não é mais para alegrar-se! Pessimismo? Nada poderia estar mais longe da verdade! Com o passar dos anos o embaçamento da visão reduz a luminosidade excessiva das ingênuas explosões juvenis. Catarata.

E em seguida eu, Ir. Camilla. O meu olhar é...
O que diz o doutor?

Sim, é claro, é claro, é melhor agir logo! A minha visita terminou. E tu, em que estás de olho?

Palavras de C.



No próximo número

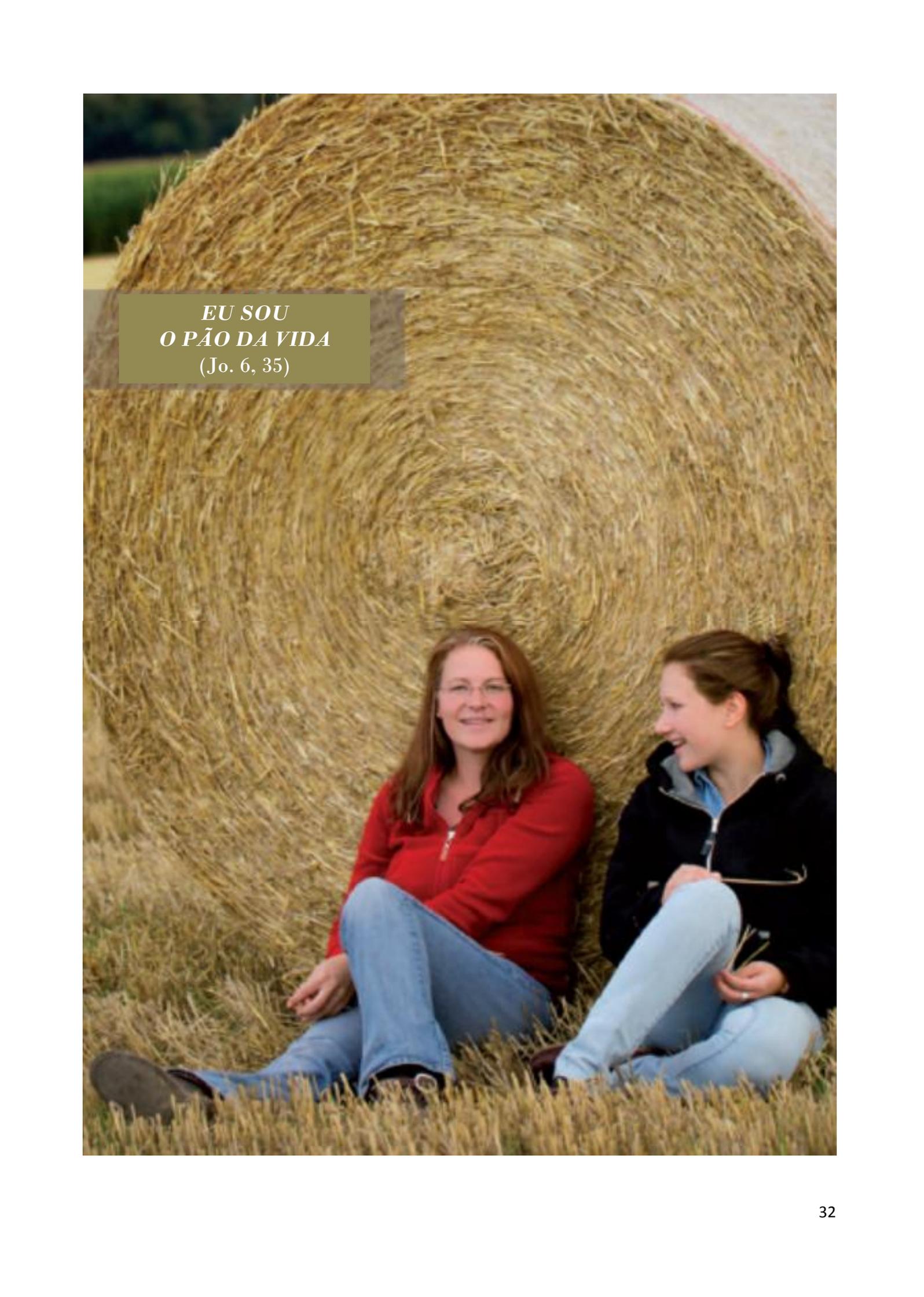
DOSSIÊ: Palavras e gestos: *de dom*

CULTURA ECOLÓGICA: Conversão ecológica

FIO DE ARIADNE: A relação

EJS-CULTURAS: Para ser felizes

PASTORALMENTE: Os Jovens e a liturgia

A photograph of two women sitting on the ground in front of a large, round haystack. The woman on the left is wearing a red zip-up jacket and blue jeans, and is smiling at the camera. The woman on the right is wearing a black jacket over a blue shirt and blue jeans, and is looking towards the first woman. The background is a large, textured haystack of golden-brown straw. The text is overlaid on a semi-transparent olive-green rectangular box in the upper left quadrant of the image.

*EU SOU
O PÃO DA VIDA
(Jo. 6, 35)*